



Uma jovem Nação se revela

Quarenta e quatro anos completam-se hoje desde a ascensão do País à Independência, aspiração que custou décadas de calvário e rios de sangue e lágrimas aos angolanos, mas que acabou por ser materializada a 11 de Novembro de 1975. Dá até a impressão de que ainda ontem as grilhetas da colonização apertavam pés e pulsos de quem sofria por clamar por direitos como o de ser livre na sua própria terra. Tão básico como isso!

Mas talvez seja mesmo necessário manter a sensação de que o sofrimento causado pelos anos de colonização mal terminou. Pelo menos assim temos sempre presente males que não mais gostaríamos de experimentar e situações que logo nos apressaríamos a prevenir ou, se for o caso, debelar, mal se insinuassem.

Não há nada mais poderoso que uma experiência trágica para nos lembrar a estupidez de determinados actos impensados. Mas não é o caso da luta anti-colonial - uma medida calculada -, para a qual os angolanos

foram forçados a optar, uma vez que a então potência imperialista não lhes deixou alternativa. Portanto, não fosse a consciência generalizada para a necessidade de se partir para o conflito, a autodeterminação e a soberania permaneceriam quimeras.

E veio então a liberdade e o privilégio de serem os próprios angolanos a traçar o futuro do país acabado de se emancipar. O porvir que se abria pela frente adivinhava-se difícil, como acabou por se verificar. Um conflito armado entre os partidos subscritores da Independência Nacional, e mais tarde entre dois deles, adiou por longos anos o sonho de uma terra normal, onde as aspirações do povo se pudessem consumir.

Porque acaba por alterar negativamente o cenário de onde quer que se instale, a guerra tudo levou, inclusive a possibilidade de produção de quadros capazes de responder às necessidades de um País que vinha já do desgaste causado pelos anos de colonização. A experiência da guerra repetia-se, porém, num contexto diferente, mais chocante, porque entre filhos de uma mesma terra,

que mais facilmente podiam chegar a entendimento. Afinal, reuniam sabedoria suficiente para que dela se fizesse recurso, para assentar a discórdia e se dar início ao processo que culminaria no calar das armas.

Se há, entre tantas outras, uma particularidade de que os angolanos se podem gabar é o mérito de terem sido eles mesmos os promotores e edificadores da paz, interrompendo anos de guerra fratricida, cujas consequências ainda hoje se sentem. A Independência deu-lhes, pois, a oportunidade de mostrar ao mundo maturidade e compromisso com as causas que perseguiram quando desfizeram as amarras da potência colonizadora e resgataram a terra que lhes legaram os ancestrais. E a causa central é servir o próprio país.

Hoje, 44 anos passados sobre o corolário dos acontecimentos que começaram com o assalto à Casa de Reclusão e à Cadeia de São Paulo, na madrugada de 4 de Fevereiro de 1961, o país pode orgulhar-se de já ter assinalado alguns marcos, embora pela frente se perfile um ror de tarefas. Afinal, o compromisso com

a satisfação dos mais elementares anseios do povo ainda está por honrar completamente.

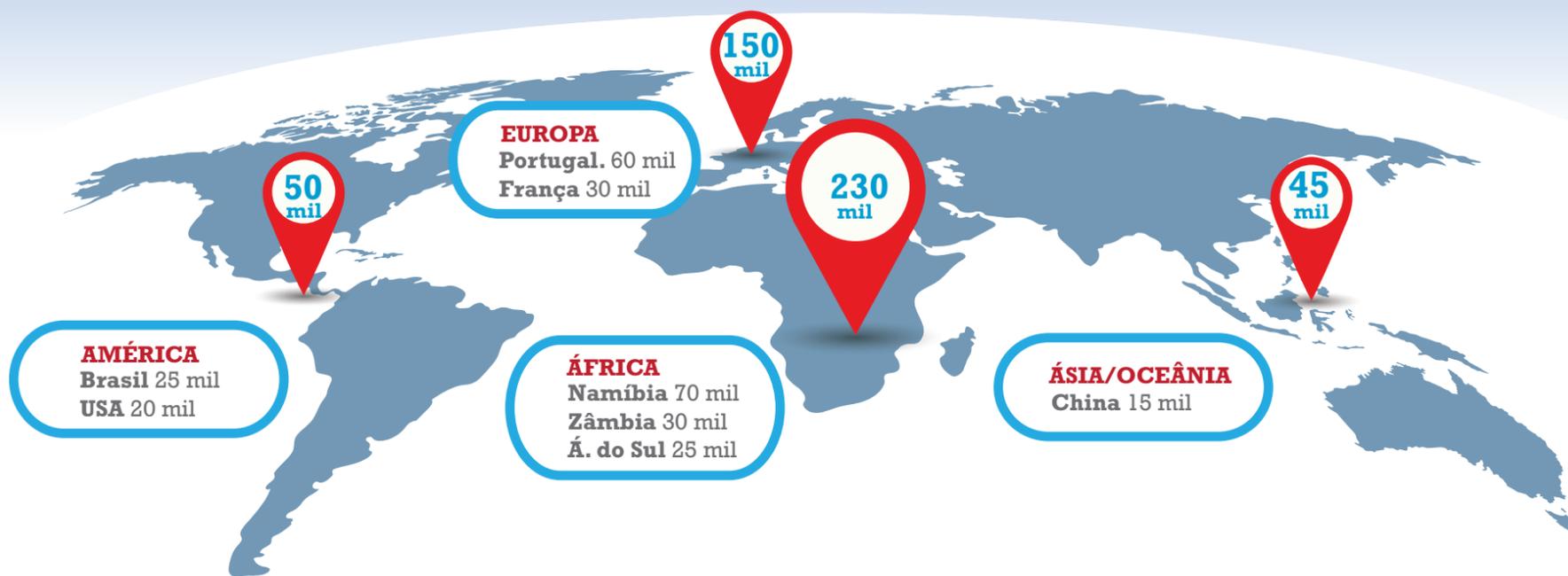
Para a História da nova Nação, ficam, entretanto, o advento do multipartidarismo e as quatro eleições já realizadas, que confirmam uma democracia que se consolida cada vez mais. Nos registos jazem também contributos de Angola para a pacificação de regiões do continente onde a guerra insiste em criar raízes. À escala internacional, vão-se, igualmente, notabilizando figuras angolanas a desenvolver trabalhos científicos, a exercer funções ou a praticar actividade desportiva, em situações nas quais - como traz alguns exemplos este caderno - dão boa conta de si e deixam uma agradável imagem do país. É muita pena ter havido o saque ao erário ...

Ainda assim, é esta uma jovem Nação que se revela, à custa de tempo, trabalho e dedicação. Não é em vão que do estrangeiro aporta gente - alguma dela fê-lo há mais de 40 anos - que se junta aos esforços colectivos para elevar o País para lugares mais dignos.

MOVIMENTO MIGRATÓRIO COMEÇOU NOS ANOS 1950

Cerca de 500 mil angolanos residem no exterior do país

Número significativo de angolanos residentes no exterior vive com dupla identidade ou com dados adulterados, se comparados ao registo civil. Outros, fazem-no com o estatuto de requerentes de asilo ou de refugiados. 204 mil e 527 angolanos foram, até Dezembro de 2018, registados nas Missões Diplomáticas e Consulares acreditadas no exterior do país.



António Pimenta

Cerca de quinhentos mil angolanos residem no exterior do país há mais de sete décadas, num movimento migratório registado em quatro grandes e diferentes momentos da história de Angola. O continente africano, que junta 230 mil angolanos, é o maior acolhedor de cidadãos nacionais, seguindo-se a Europa (150 mil), América (50 mil) e Ásia e Oceânia (45 mil).

Entre estes jovens emigrantes, um número significativo sobrevive com dupla identidade ou com dados adulterados em relação ao registo civil. Outros fazem-no com o estatuto de requerentes de asilo ou de refugiados, na sua maioria, sem recursos financeiros para a auto-subsistência.

De acordo com documento do Instituto das Comunidades Angolanas no Exterior e Serviços Consulares do Ministério das Relações Exteriores (ICAESC/MIREX), a República Democrática do Congo (RDC), com 80 mil angolanos, aparece à frente da lista como o maior acolhedor de compatriotas nossos, seguida da Namíbia, 70 mil, Zâmbia e África do Sul, 30 mil e 25 mil, respectivamente.

Com 150 mil angolanos, segundo o documento, assinado pelo director do Instituto, Júlio Maiato, o continente Europeu aparece na segunda posição, estando

a maioria (60 mil) a residir em Portugal. Em França vivem 30 mil.

América e Ásia/Oceânia representam os destinos menos procurados, com 50 mil e 45 mil angolanos cada. Destes, 25 mil concentram-se no Brasil, 20 mil nos Estados Unidos da América e 15 mil na China.

De acordo ainda com o Instituto das Comunidades Angolanas no Exterior e Serviços Consulares, 204 mil e 527 angolanos foram os mais recentes registos, até Dezembro de 2018, nas Missões Diplomáticas e Consulares acreditadas no exterior do país.

Desde os anos 1950

O documento revela ainda que o primeiro movimento migratório de angolanos ocorreu nos anos 1950 e estendeu-se até os anos 1970, influenciado pelo recrudescimento da máquina repressiva do regime colonial português e o consequente início da Luta Armada de Libertação Nacional.

Como consequência dessa pressão e tendo em vista a procura de melhores condições de vida, explica a fonte, milhares de angolanos, principalmente do Norte e Leste do país, iniciaram o movimento migratório para as Repúblicas da Zâmbia, Congo Brazzaville e Congo Leopoldville, actualmente República Democrática do Congo (RDC), onde muitas famílias continuam a residir até a presente data.

De acordo com o documento, os momentos trágicos que se registaram em Angola, antes e depois da Independência, 74/75, e se estenderam até aos anos 1980, terão originado, em todo país, um outro movimento migratório de



angolanos, que se tornou célebre com a ponte aérea criada, na altura, pelo governo português, para evacuar os seus cidadãos e descendentes.

Iniciada a 13 de Maio de 1975, avança a fonte, a ponte aérea fez a última operação a 13 de Novembro do mesmo ano, dois dias depois da proclamação da Independência da República Popular de Angola.

Para muitos cidadãos angolanos, Portugal foi o des-

tino natural. Para outros, a escolha recaiu para países mais próximos de casa, como os Congos, Zâmbia, Namíbia e África do Sul.

Os movimentos migratórios "económicos" que se seguiram depois, revela o documento, foram para países como Brasil, China, Singapura, Estados Unidos da América, Suíça, França, Bélgica, Turquia e outros, onde a crise económica terá provocado danos menos visíveis.

Dois grupos de emigrantes



As comunidades no exterior devem merecer maior atenção

A situação dos angolanos, de acordo com o Instituto das Comunidades Angolanas no Exterior e Serviços Consulares do Ministério das Relações Exteriores, está consagrada em dois grandes grupos: os de idade já avançada, que emigraram de 1950/70 a 1974/78, e os que o fizeram de 1990 a 2015. Estes estão identificados como jovens, com formação técnico-profissional e académica, adquirida nos países de

acolhimento, cujos descendentes absorvem preferencialmente a cultura do país de acolhimento, em detrimento da angolana.

Entre estes jovens emigrantes, um número significativo sobrevive com dupla identidade ou com dados adulterados em relação ao registo civil. Outros fazem-no com o estatuto de requerentes de asilo ou de refugiados, na sua maioria, sem recursos financeiros para

a auto-subsistência.

O documento explica que três grandes grupos definem a vida dos angolanos que emigraram entre os anos 1950/70, num movimento que se estendeu até aos anos 1974/80 do século passado. Eles beneficiam do estatuto de refugiado ou de requerente de asilo; podem ser idosos cujos descendentes estão minimamente integrados, alguns deles profissionais com valências técnicas aproveitáveis, outros com poucos recursos económicos, maioritariamente pensionistas ou dependentes da assistência social.

Num outro grupo, avança a fonte, "encontram-se os naturalizados, os desarraigados das suas origens", que o documento considera "apátridas, sem documentação e completamente marginalizados no mercado de trabalho ou indigentes".

Urge mais atenção

Salvo raras excepções, de acordo com documento do Mirex, não há registo, na nossa diáspora, mesmo para os emigrantes económicos, de cidadãos que se tenham afirmado

no mundo do saber, como na área científica, académica, cultural, desportiva, empresarial ou nas finanças.

"As nossas comunidades encontram-se nos limites de uma diáspora de emergência. Não está devidamente estruturada e não reúne valências técnicas e financeiras necessárias para serem congregadas em prol da sua participação no processo de reconstrução económica do país", refere o documento.

Acrescenta a fonte que, por esta razão e conforme plasmado na nossa constituição, as comunidades angolanas no exterior do país devem merecer uma atenção particular dos órgãos do Estado angolano.

"A presença do Estado no seio das comunidades angolanas no exterior deve ser uma preocupação permanente, para ser materializada, através dos órgãos Executivos Externos do Ministério das Relações Exteriores, na elaboração e execução das políticas do Estado em prol da plena integração dos cidadãos nas sociedades de acolhimento, conforme estabelece os artigos 22º, 23º e 86º da Constituição angolana", conclui o documento.

Oswaldo Gonçalves

Os cerca de 32 milhões de pessoas que hoje vivem em Angola corresponderão, decerto, a igual número de opiniões sobre a realidade vigente no País e no Mundo, o que se deve, sobretudo, à Independência Nacional, proclamada há 44 anos.

Várias situações, como as agressões externas, o longo conflito armado e a corrupção marcaram e continuarão a marcar a sociedade angolana nos próximos tempos, da mesma forma que muitas feridas ainda há por sarar.

A guerra é a principal responsável pela grande maioria dos problemas que vivemos, mas, verdade seja dita, também serviu para encobrir muito do que se fez mal, nomeadamente, os erros cometidos de forma intencional.

Os processos em curso nos tribunais são mostras do que estava mal na nossa sociedade e em muitos casos denunciam o espírito de impunidade que imperava. Alguns dos nomes hoje levados à Justiça e outros quantos citados correspondem a pessoas que há alguns anos eram tidas como intocáveis.

Do mesmo modo, são de mencionar as mudanças registadas no respeitante ao acesso aos recursos naturais e à exploração de determinados sectores, em que era notória a existência de monopólios, em prejuízo dos menos favorecidos e, grosso modo, da economia.

Como era expectável, as mudanças operadas pelo Executivo têm desagradado a algumas pessoas, cujos interesses são, de alguma forma, tocados. Nota-se em certos pronunciamentos e posições de determinadas figuras, a quem as novas medidas no sentido de uma maior transparência e moralização afectam de forma mais directa, o desconforto que lhes vai na alma.

Medidas macroeconómicas, como a cobrança do Imposto de Valor Acrescentado (IVA), são implementadas de forma errada de modo propositado e sem que aos produtos sejam retiradas outras taxas, antes em vigor, onerando-os em prejuízo do consumidor.

Produtos da cesta básica, não abrangidos pelo IVA, e géneros provenientes do campo de forma directa também tiveram os seus preços agravados, com a desculpa dos impostos. Em muitos casos, além do aproveitar da situação, nota-se uma tendência para desafiar as autoridades, chamadas a redobrar as suas acções de fiscalização.

Só dessa forma e com punições severas aos prevaricadores será possível controlar a economia, corrigir o que está mal e melhorar o que está bem, como defende o MPLA, partido vencedor das últimas eleições, realizadas em 2017.

Casos há de estabelecimentos comerciais em que a factura apresentada ao cliente refere pertencer ao regime de não sujeição ao IVA, em que os preços crescem todos os dias. Unidades económicas há que atrasam o pagamento

de serviços prestados por profissionais liberais com a desculpa do IVA.

Um texto sobre os 44 anos de Independência deverá ir muito além dos últimos dois anos de governação. Recordar o 11 de Novembro de 1975, data em que, no então largo 1º de Maio, Agostinho Neto, em nome do Comité Central do MPLA, proclamou o surgimento da República Popular de Angola, implica referir as circunstâncias adversas em que tal aconteceu, o país dividido, os intensos combates que se registavam a poucos quilómetros da capital e, sobretudo, a imensa alegria que brotava do coração dos angolanos, cansados de vários séculos de exploração.

Mas é incontornável dar uma atenção especial a este período da vida do País, em que os angolanos passaram a ter novas aspirações e se procure afastar, de uma vez por todas, as perspectivas negativas, pejudicadas de mau agouro, que alguns – sempre os mesmos – procuram disseminar.

Seca e corrupção

A situação de seca extrema no Centro-Sul de Angola, que, segundo dados oficiais, afecta mais de um milhão de pessoas nas províncias do Cunene, Huíla, Namibe e Cuando Cubango, tem servido de arma de arremesso a muitos fala-baratos, mais interessados em ver o circo pegar fogo desde que tal lhes garanta os latifúndios.

As vedações arbitrárias de terras com arame farpado são um assunto há muito discutido e o fim da guerra tornou-se, para alguns, uma oportunidade a não perder para demonstrarem o seu poder e influência.

Muitos dos que enchem as redes sociais de fotos a dar conta da penúria por que passam as populações locais, cujo gado definha, e pedem a intervenção do Governo Central para fazer face ao flagelo, são eles mesmos os causadores da situação.

Mais do que simples desconhecimento, está-se diante do desrespeito pela cultura e tradições do povo e das populações. Mais: situações há em que se fala na criação de grupos armados, que se fazem impor pelo medo, de tráficos diversos, até de pessoas e de órgãos. Os vídeos circulam nas redes sociais e servem de alíquotas para críticas avulsas ao Governo, quando, na verdade, se está diante de crimes públicos.

O mesmo se pode dizer a respeito do desmatamento e tráfico de madeiras preciosas e a matança de animais exóticos, protegidos por leis nacionais e internacionais. Tudo é feito com a complacência das autoridades, no geral, manietadas pelas famosas “ordens superiores” ou corroidas pela “lei da gasosa”.

A protecção das fronteiras do País é mil vezes falada, apresentada como um caso de sucesso, quando, cá dentro, cresce o número de estrangeiros ilegais, quando o pequeno comércio é-lhes entregue e quando lá fora se realizam manifestações a acusarem o Governo angolano de intolerância religiosa, sem-



11 DE NOVEMBRO DE 1975

Independência foi há 44 anos

A guerra é a principal responsável pela grande maioria dos problemas que vivemos, mas, verdade seja dita, também serviu para encobrir muito do que se fez mal, nomeadamente, os erros cometidos de forma intencional.

Como era expectável, as mudanças operadas pelo Executivo têm desagradado a algumas pessoas, cujos interesses são, de alguma forma, tocados.

pre que se decide interditar locais de culto ilegais.

Autoridades tradicionais denunciam a implicação de elementos da Polícia no tráfico de combustíveis e também de pessoas para os países vizinhos de Angola. Tudo é negado, mas bastaria fazer uma triagem ao volume desses derivados de petróleo comercializado nos postos junto às fronteiras para ver que suplantam em muito o número e capacidade dos veículos atendidos.

Por força das palavras do Chefe de Estado, João Lourenço, que afirmou haver consciência do Executivo acerca dos meandros da corrupção no País, esses indivíduos passaram a ser chamados “marimbondos”, mas tem-se a noção de que o problema vai muito além desses. A

corrupção alastrou-se tanto e está de tal forma enraizada que chega a ser vista como forma de ser dos angolanos. Fica-se na dúvida quando se procura definir o papel activo ou passivo de cada um, pois é quem paga que se vê na obrigação de fazê-lo, enquanto quem recebe dá o primeiro e o último passo.

A “lei da gasosa” incomoda pela ausência e as pessoas duvidam quando determinado serviço lhes é prestado de acordo com a Lei. O que se espera é que o combate à corrupção e ao espírito de impunidade mobilize cada vez mais forças, que a Justiça se aproxime do cidadão, nomeadamente através da criação e aprimoramento de mecanismos de denúncia e da tomada de consciência de que as situações são devidamente investigadas.

Terminamos este texto recordando as sábias palavras de Agostinho Neto: “Não basta que seja pura e justa a nossa causa. É necessário que a pureza e a justiça existam dentro de nós”.

Era um tempo deveras para contar das caravelas grilhetas e porões dos esqueletos no fundo do mar da pólvora missangas e canhões. era um tempo sem verbo para amar irmãos contra irmãos em ilusões no ruído da guerra sem falar que era possível unir os corações. era o tempo muito depressa sem parar fazer um hino uma bandeira e orações mais velhas com a alegria de chorar a euforia do vento nas mãos das multidões catanas de fevereiro a recordar heróis nomeados em canções levantar braços e o corpo a xingular. uns já enchiam bolsos com dinheiro novo enquanto o silêncio continua a meditar: que é preciso resolver os problemas do povo...

Manuel Rui





■ ANGOLA MOSTRA-SE NO PAÍS EUROPEU

História de sucesso na Itália em meio à diplomacia cultural

A embaixadora Fátima Jardim prevê, durante a sua missão diplomática, dar continuidade ao projecto de criação da Casa de Cultura de Angola na Itália, concebida como instrumento de unidade, coesão e fraternidade entre os membros da comunidade angolana, de divulgação da cultura e de atracção turística para Angola. Enquanto isso, o esforço pessoal de angolanos tem arejado a imagem do país.

Matadi Makola | Roma

A embaixadora de Angola na Itália, Fátima Jardim, trilha como estratégia, tendo em conta que a nação europeia é um centro da cultura mundial, a diplomacia cultural como um dos pilares da sua missão. A ideia, sustenta, é apresentar ao mundo um país moderno, dinâmico e criativo, capaz de mostrar as suas potencialidades na área e de ser, ao mesmo tempo, um destino turístico atraente.

No caso específico da Kizomba, que ganhou visibilidade e evolução que considera pertinentes, avança que ainda não existem estatísticas oficiais sobre o número de praticantes, devido ao facto desta disciplina ter sido incluída, genericamente, nas danças latinas e afro pelo Comité Olímpico Nacional Italiano, entidade responsável pelo seu registo.

“Assim, é do nosso interesse apoiar o crescente movimento à volta deste estilo de dança neste país, e vamos trabalhar junto das autoridades italianas para o seu registo como dança de origem angolana. De acordo com os seus promotores, existem na Itália várias associações desportivas que se dedicam exclusivamente à Kizomba, com realce para a cidade de Roma, onde há mais de vinte associações”, reconheceu. Fátima Jardim promete envidar esforços para

Fátima Jardim promete envidar esforços para trabalhar em estreita colaboração com o Fórum das Associações Angolanas na Itália (FAAI) e na criação da futura associação de amizade Angola-Itália. Concretamente, prevê, durante a sua missão diplomática, dar continuidade ao projecto de criação da Casa de Cultura de Angola na Itália, concebida como instrumento de unidade, coesão e fraternidade entre os membros da comunidade angolana, de divulgação da cultura e de atracção turística para Angola.



Angolana Eva João Polo, ao centro, destaca-se no desporto

trabalhar em estreita colaboração com o Fórum das Associações Angolanas na Itália (FAAI) e na criação da futura associação de amizade Angola-Itália. Concretamente, prevê, durante a sua missão diplomática, dar continuidade ao projecto de criação da Casa de Cultura de Angola na Itália, concebida como instrumento de unidade, coesão e fraternidade entre os membros da comunidade angolana, de divulgação

da cultura e de atracção turística para Angola.

Num leque de mais de três mil angolanos a residir na Itália, alguns nomes vão se destacando por força da sua arte e ofício. É caso de Leonor Solange Alexandre Proença, nascida em Luanda, que reside em Roma há 14 anos, tendo no ano passado terminado a licenciatura em Ciências da Comunicação, Tecnologias e Culturas Digitais. Porém, é no mundo da

moda que esta luandense se destaca na capital romana. Foi em 2017 que decidiu seguir a sua veia criadora. “Desde muito nova, sempre gostei de me vestir usando roupas e acessórios com tecidos africanos, principalmente turbantes com a nossa samakaka. Isto foi chamando a atenção das pessoas, principalmente dos italianos. Com o tempo, comecei a produzir os meus próprios acessórios e fazendo combinações de looks para eventos especiais. Comecei por fazer para uma amiga, depois para os meus familiares e, quando dei por mim, tinha criado uma página que era procurada por pessoas fora do meu círculo de amigos”, partilhou. Assim nasceu a marca “Leonor acessórios”, hoje bastante solicitada por um certo público italiano.

Leonaor já expôs o seu trabalho em vários eventos, com destaque para o Carnaval Africano em Roma, onde participou pela segunda vez consecutiva, na festa da União Africana, representando Angola com um desfile baseado em passos de dança, na Expo Universal Roma. Participou igualmente na Festa da Mulher Africana, organizada pela comunidade moçambicana em Roma, no NEEMA Festival, que é a festa da música africana em Roma, com presenças sonantes de C4 Pedro e Davido.



Recordar Pietro Bruno

A 23 de Novembro de 1975, numa unidade hospitalar de Roma, morria Pietro Bruno, no limiar da sua juventude, com apenas 18 anos. Estudante e militante da Lotta Continua, Pietro morre em consequência de uma confusão gerada aquando da grande manifestação levada a cabo pela esquerda italiana, no dia anterior, a favor da recém-nascida República Popular de Angola. Na edição do dia 26 de Novembro do mesmo ano, a revista Lotta Continua trazia uma mensagem de solidariedade assinada por Lopo do Nascimento, então Primeiro-Ministro de Angola.

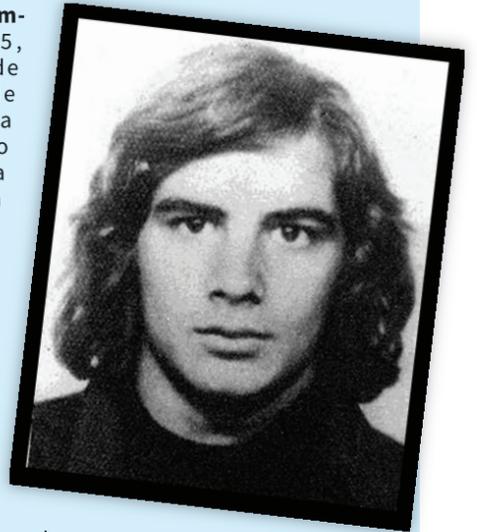
“Regozija-nos saber que, nesta fase crucial da vida do nosso povo, em luta contra o imperialismo e contra os seus lacaios internos, o povo angolano não se encontra isolado neste combate, mas, pelo contrário, tem ao seu lado todas as forças progressistas do mundo, assim como na outra frente participam todas as forças reacionárias. Lamentamos a perda de mais um revolucionário, mas não choramos pela morte do camarada Pietro Bruno, porque a nossa luta contra o imperialismo vingará os nossos e os vossos mortos”, lê-se numa das passagens.

Numa leitura dos acontecimentos dessa época crucial da vida política

angolana e a sua repercussão em Itália, o professor Giorgio de Marchis, director da Cátedra, Agostinho Neto, instituída em 2014, na Universidade Roma Tré, pontua que havia fortes manifestações promovidas pela esquerda italiana a favor do MPLA, com uma presença impressionante de jovens.

“Pradoxalmente, hoje, os meus alunos sabem apenas que Angola existe e que a capital é Luanda. Há, de facto, uma grande diferença nos tempos. Porque a luta do MPLA era um tema presente no debate político italiano. Hoje, a globalização diz que estamos mais próximos, mas não passa de uma relação financeira. Muita coisa se desconhece sobre a aproximação dos povos”, analisa o professor.

Para honrar a memória deste jovem, está na forja um documentário sobre a figura de Bruno, num gesto que pretende, igualmente, resgatar a memória de vários jovens italianos da época e que hoje já são velhos.



Acessórios de Leonor Solange conquistam público italiano

Da cultura ao desporto, o nome da angolana Eva João Polo é bastante conhecido. Filha de angolanos residentes em Itália, Eva acumula vários títulos, tendo-se sagrado, no ano passado, campeã italiana na modalidade de atletismo ligeiro, sendo alvo de destaque na imprensa daquele país.

“O meu orgulho é um dia representar o meu país nesta modalidade, antes de completar 18 anos, porque os italianos estão atentos ao meu trabalho”, disse a atleta. Eva espera que as instituições do sector possam prestar-lhe atenção. Nascida em 2003, na Itália, Eva é estudante de Fisioterapia e sonha um dia trabalhar em Angola.

Matadi Makola | Roma

■ ESCRITOR ANTONIO DIKELE DISTEFANO

Filho de angolanos escreve maravilhas na Itália

António Dikele Distefano, de 27 anos, é uma figura cujo sucesso arrasta o nome de Angola pela Itália. É um escritor de sucesso, filho de angolanos, mas que ainda não conhece as origens. A história da chegada da sua família à Europa começa com os pais, no final da década de 1980.

“Primeiro chegou o meu pai, dois anos depois a minha mãe. Viveram alguns anos na Suíça e depois decidiram voltar para Itália, umas semanas antes de eu nascer”, lembra.

Inicialmente, os seus pais fizeram trabalhos humildes, que lhes permitisse acudir às necessidades diárias. Durante alguns anos, o pai trabalhou como lavrador no Sul de Itália e a mãe cuidava de pessoas idosas. Só mais tarde conseguiram abrir um negócio. Rebento de uma família do Úige, António Dikele Distefano nasceu a 25 de Maio de 1992, Dia de África. Se mero acaso ou não, o certo é que o jovem veio a desenvolver uma certa consciência africanista.

“Eu estou muito ligado às questões do meu continente de origem. O meu pai sempre me ensinou que devo ter orgulho das minhas raízes. Ele era militar e combateu a guerra em Angola. Por isso, tinha muitas histórias para contar. Ele sempre foi um apaixonado por África e transmitiu-me esse sentimento”, explica.

O nome Dikele herda de um tio da sua mãe, pelo que lhe disseram, que significa “o que foi”, em Kikongo. Nunca pensou usar um pseudónimo, porque, justifica, “a ideia de que agora todos conheçam um nome como Dikele significa que a Itália está a mudar”. Como muitos filhos de imigrantes, cresceu alimentando o sonho de ser futebolista ou singrar na música.

Sobre Angola, ouviu falar muito da guerra de Independência e dos efeitos que teve no país. Igualmente, ouviu falar de Agostinho Neto e de Pepetela, de quem tem como referência, sugerida por um primo, a obra “A Geração da Utopia”.

“Cresci numa realidade multiétnica e as personagens dos meus livros reflectem isso. Na cidade onde cresci, éramos a única família angolana, todos os meus amigos e os amigos dos meus pais eram senegaleses, nigerianos, camaroneses”, conta.

Dikele não fala português e a sua relação com este público começou quando a Bertrand Editora traduziu para o português o seu primeiro livro “Fuori piove, dentro pure, passo a prenderti?” (Fora chove, dentro também, vou-te pegar), o que permitiu que o resto da sua família pudesse entender o que escrevia.

A literatura nasce-lhe do rap. Para ele, muitos artistas rap que ouvia quando criança contavam histórias como se fossem livros e assim começa a escrever letras musicais e só depois avança para os livros.

“Eu escrevia o que sentia

e numa maneira que fosse para mim fácil de entender. Nunca fui um grande fã das obras demasiado elaboradas. Desejo que os meus leitores sintam o que sinto, enquanto escrevo ou que de uma certa maneira vivam, ainda que só por meio da leitura, as realidades que conto”, referiu.

O seu sucesso nas letras surge exactamente com “Fuori piove, dentro pure, passo a prenderti?” (Fora chove, dentro também, vou-te pegar), obra de estreia, auto-publicada na internet, em 2014. Num tempo recorde de três meses, a sua obra teve perto de vinte mil download.

“O livro fala de uma história de amor entre duas pessoas provenientes de realidades diferentes, mas que acabam por se apaixonar. Fala de como as duas realidades entram em conflito e de como as pessoas que estão ao seu redor, por exemplo, a família, influenciarão o seu caminho”, resume. Esta obra chamou a atenção da editora Mondadori, que procurou o escritor e propôs um contrato que lhe permitisse publicar os seus livros.

Voltou ao mercado editorial com “Prima o poi ci abbraceremo” (2016, “Antes ou depois nos abraçaremos”), “Chi sta male non lo dice” (2017, “Quem está mal não o diz”), “Non ho mai avuto la mia età” (2018, “Nunca tive a minha idade”) e “Bozze, Prima e seconda parte” (2019, “Rascunhos. Primeira e segunda parte”).

“Os meus livros contam principalmente a minha vivência e a das pessoas queridas. As minhas origens, as minhas experiências. Em cada livro, há uma parte de mim. Quase todos os meus livros têm algo de autobiográfico, basta pensar no facto de serem todos ambientados em Ravena, a cidade onde cresci. Conto um pouco de mim em todos os meus livros”, expõe.

A sua obra “Non ho mai avuto la mia età” (2018) venceu o Prémio Fiesole edição 2018, considerada uma das maiores distinções para jovens escritores italianos com menos de 40 anos. Para si, a distinção não só representou o reconhecimento da qualidade da sua escrita e a aceitação geral na crítica literária italiana, como também “o trabalho árduo de um escritor”.

Para os próximos tempos, pondera fazer uma pausa, devido a um contrato com a produtora Netflix, que está a produzir uma série inspirada no seu livro “Non ho mai avuto la mia età”, prevista para estreiar brevemente.

“Depois, talvez vá fazer alguma viagem para buscar inspiração e só assim voltarei com um livro que vai contar algo diferente”, traça, prometendo visitar Angola brevemente.





KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO

■ ESTILO ANGOLANO ENCANTA EUROPA

Kizomba desliza entre a sobrevivência comercial e o puritanismo da origem

Fugidias aos espectáculos de massa, as escolas de dança solicitam os quartos de um hotel e os seus espaços de convívio, onde se instalam durante os dias de festival. Assim, os interessados, maioritariamente gente na linha de um roteiro turístico, não só têm a parte lúdica da dança, como também ficam despreocupados quanto à comodidade. Funcional, esse "modus operandi" é um dos segredos do sucesso.

Matadi Makola | Roma

Levada em grandes salas a partir de 2005, a Kizomba em Roma é o maior cartão postal das comunidades africanas na Itália. Porém, na balança entre o protótipo e as nuances que adquiriu em solo europeu, esta dança vai padecendo do dilema que a coloca entre a sobrevivência comercial e o puritanismo nacional.

“É um pouco a lei do mais forte, associada à necessidade de sobrevivência. No fundo, precisamos de um plano de salvação e concertação da Kizomba, que deve obrigar a intervenção de entidades que tutelam a cultura em Angola, por via das nossas representações diplomáticas nos vários países onde esta dança está disseminada”, alerta Pedro Vieira Dias, sobejamente conhecido em toda a Europa por “Mestre Petchu”, apaixonado no enalço da nossa reportagem em Roma, onde foi prestigiar a sexta edição do Festival Kizomba

Romana, que decorreu de 7 a 13 de Outubro.

Longe de ser uma necessidade financeira, dado que a organização dos festivais de Kizomba chega a custar entre 20 a 50 mil euros por edição, a grande preocupação de Petchu, numa clara defesa da matriz conservadora da Kizomba, recai para uma melhor organização e comunhão entre as associações de Kizomba.

“Claro que este dinheiro tem retorno e às vezes muito mais. Em África, também já começamos a ter esse movimento, como agora há poucos dias fui ao Quênia. Mas é aqui na Europa onde rola o dinheiro”, confirma Petchu.

Coincidentemente, é na Europa onde as divergências entre os promotores/escolas de Kizomba parecem não augurar um fim, tanto que se torna flagrante “apontar o lucro” como a grande fonte das discórdias. O ideal, de certeza, seria sonhar com uma certa Sociedade Europeia da Kizomba. Sobre o assunto, mestre Petchu escl-

Coincidentemente, é na Europa onde as divergências entre os promotores/escolas de Kizomba parecem não augurar um fim, tanto que se torna flagrante “apontar o lucro” como a grande fonte das discórdias. O ideal, de certeza, seria sonhar com uma certa Sociedade Europeia da Kizomba. Sobre o assunto, mestre Petchu esclarece que a ideia já foi maturada faz algum tempo, isto ainda em Lisboa, precisamente em 2011.

rece que a ideia já foi maturada faz algum tempo, isto ainda em Lisboa, precisamente em 2011. O nome seria Associação Internacional de Kizomba e Danças Africanas, tanto que chegaram a fazer o registo da mesma.

“Mas não funcionou. Temos muitos problemas dos egos e da falta de humildade. Quando não existe coerência por parte de todos, surgem muitas divergências. Por exemplo, no caso desta tentativa, em Lisboa, eu cheguei a ser nomeado presidente da associação, porém, por força de egos de angolanos e cabo-verdianos, disseminou-se a ideia de que a Kizomba pertencia

a Cabo-verde”, relata.

Acusação infundada, os cabo-verdianos cedo perceberam que divididos só perderiam mais, enquanto os angolanos continuaram a alimentar entre si o desentendimento.

“Há muito que os cabo-verdianos já não fazem confusão, porque já estão mais do que consciencializados de que a Kizomba é de matriz angolana”, reforça.

Enquanto os angolanos mediam-se pelo ego, a Kizomba continuava a dar o “boom” por toda a Europa, tomando proporções incontáveis. Assim, no espaço de quase uma década, os angolanos já tinham perdido

as rédeas do monopólio, num contexto que permitiu, já a partir de Paris, que a comunidade africana, Congo, Senegal e Mali, sediada na capital francesa, impulsionasse o subgénero urban-kiz, hoje oficiosamente a grande “dor de cabeça”, que divide conservadores e relativistas, tanto que a maioria conhece primeiro o urban-kiz e só depois é que fica a saber da Kizomba de escola.

“Acredito que foi por força desse ambiente desorganizado que a dispersão de professores se deu, desvirtuando a real pedagogia das danças angolanas”, opina.

Porque a ideia da associação, parida pelo angolano António Bandeira, era de que todo o professor de Kizomba tivesse que ser registado e possuísse um credencial emitido pela mesma, beneficiando também de cursos de capacitação, para que tivesse mais elementos e autonomia para exercer a Kizomba com as bases que a definem enquanto dança angolana.

Algo perseverante, Petchu recusa-se a abandonar a ideia da criação da associação, embora a sua concretização lhe pareça difícil, devido aos recorrentes “problemas de ego”. Porém, pensa, sem data e local, vir a realizar “uma espécie de fórum de concertação” com todos os fazedores de Kizomba espalhados pela Europa, a fim de sensibilizá-las para o efeito.

“Supostamente, devo lançar o primeiro fórum em Angola, previsto para Janeiro próximo. A documentação já está avançada. Vou reunir algumas pessoas, a ver se depois conseguiremos seguir para a Europa, já um pouco mais organizados”, almeja, elucidando que o objectivo é que seja entendida enquanto dança de escola, que é mais simetria dos seus passos, e enquanto dança de show, onde ela se funde ao gosto do bailarino.

Mais do que meramente conceptual, as consequências desta dispersão refletem-se na sobrevivência dos espaços vocacionados ao ensino da chamada “Kizomba de escola”. Segundo Petchu, esse ano, por exemplo, alguns festivais chegaram mesmo a ser anulados, o que pode vir a acontecer um pouco pela Europa e Ásia.

“Neste momento, estamos a falar de mais de dez festivais de Kizomba por toda a Europa, mas a adesão já não é a mesma. Já passámos da fase da febre, estamos agora na consolidação”, avalia Petchu, que volta a enfatizar que a solução passaria necessariamente pela criação de “uma rede que, de facto, organizasse este movimento que se vai expandindo pelo mundo”.

Muzonguê da Tradição

Artista que obedece fielmente ao movimento da Kizomba pelo mundo, Petchu considera-se “um dos poucos privilegiados”. Da sua agenda corrida, saiu recentemente do Quênia, seguiu para Boston, depois para Moçambique, de onde partiu para Frankfurt, dali seguiu para Roma. Porém, naquela mesma semana, já tinha na agenda a ida, dias depois, a Cabo-Verde. Em princípios de Novembro, isto de 31 de Outubro a 4 de Novembro, voltou à Itália, para “I am Semba”, festival de danças angolanas, acolhido no Hotel Leonard Da Vinci, em Milão, produzido por um angolano e um italiano.

“Esse é um festival original de Kizomba. Porém tem pouca gente. Porque vive-se a febre da mistura, como é o caso do Urban-kiz. E temos que conviver, porque quem faz os eventos são os clientes”.

Mestre Petchu não organiza qualquer festival de Kizomba. Porém, retomou o seu antigo projecto, o Caldo do Semba, que terá como convidado principal Lulas da Paixão, a ter lugar no próximo dia 24 de Novembro, em Lisboa, cujo modelo é o doméstico “Muzonguê da Tradição”.



KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO

Pacavira traz Kizomba Romana

O angolano David Pacavira é dos rostos mais conhecidos da Kizomba em Roma, por força da Associação Kizomba Romana, que nasce em 2007, no âmbito dos estudos de divulgação da cultura africana naquele país europeu.

Aliado ao facto de Roma ser uma cidade cosmopolita, aproveitou-se o momento “boom” da Kizomba para, isto em 2009, fazer nascer pequenas iniciativas. Porém, o

grande festival “Kizomba Romana” só veio a concretizar-se em 2014 e é até ao momento o segundo maior do estilo da Itália.

“Fizemos uma grande publicidade, com eco em vários cantos da Europa. O maior número de participantes foram de estrangeiros, à volta de seiscentas pessoas, sem contar as presenças de angolanos e italianos”, destaca.

Pacavira segue os seus ins-

tintos e não procura uma defesa rotulada da dança. Aliás, defende que apostar no urban-kiz foi preferível para muitos, em detrimento do que se chamava de “o tradicional”, como era rotulado, declarando ser um produto pouco chamativo para as vendas. “Não, o tradicional não vende”, enfatiza.

A média de participantes nestas seis edições foi variando, ora aquém das seiscentas pessoas, ora um pouco acima das

oitocentas pessoas. Em Itália, aponta Pacavira, o festival recordista é claramente o “Kizmi”, que acontece em Milão, em Dezembro, no hotel Leonardo da Vinci, e reúne em média mais de mil pessoas. Organizado por portugueses e italianos, o trunfo deste festival é o urban-kiz.

“É o mais comercial. Porque, na nossa óptica de praticantes, o urban-kiz não é uma coisa negativa. E quem começou a desenvolver o urban-kiz são rapazes africanos, oriundos do Congo Democrático, daí Paris ser o berço”, posiciona-se.

Pacavira critica abertamente a postura adoptada por angolanos que vêm um grande mal nessa forma muito mais rápida ou muito mais lenta de se dançar, com bases nas nossas danças. Mas, reconhece, a verdade é que é preciso perceber que na Europa não se dança como se dança em Angola. “Não é possível ser igualíssimo”, pontua.

A seu ver, o público europeu procura obsessivamente pela novidade e improviso, sendo, assim, satisfeito com o urban-kiz, por ser mais remix e mais livre.

“É um filho, um subgénero. Eles, os estrangeiros, estão mais organizados e a máquina de publicidade deles é muito superior. E hoje está aí, o urban-kiz tomou todo o espaço.

Porém, foram fiéis às bases ao não retirarem o kiz de kizomba”, observa.

No ano passado, o festival Kizomba Romana recebeu o artista Filho do Zua. A escolha recaiu a neste cantor porque, na visão de Pacavira, a sua música pode tanto servir para quem procura uma kizomba mais tradicional ou para quem tenha queda para o urban-kiz. Feitas as contas, foi dos mais renhidos festivais.

“Estiveram no mesmo espaço mais de oitocentas pessoas, oriundas de uma média de quarenta países de diferentes partes do mundo. Foi fantástico ver gente do Japão, Austrália, México, Estados Unidos, Sibéria e outros”, assentou.

Em termos de custos, Pacavira adianta que o seu festival ronda, em média, os cinquenta mil euros de investimento. Porém, nega-se a falar de lucros.

“É um movimento de caché alto. E tem artistas (bailarinos) angolanos que custam caro. Eles cobram por actuação em cada festival uma média de dois a mil e quinhentos euros”, disse.

Quanto a novos caminhos, aponta que muito italianos estão a girar em todo mundo, sendo que muitos deles aprenderam com os angolanos, mas não são fiéis à rigidez dos passos, quando se lançam no Japão ou América.

A última edição do festival acusou uma significativa baixa de participantes. Pacavira sustenta que o número de seguidores da Kizomba não é mais suficiente para sustentar o festival, pelo que pretendem, isto no próximo ano, a exemplo do que se faz em todo mundo, agregar também outros estilos de dança, como a salsa.

“Vamos manter a nossa base, mas precisamos de sobreviver. Não vai mudar o que já temos. Para nós, dado que na Itália a dança é um estilo de vida e alberga o maior número de artistas cubanos na Europa, não nos misturarmos é um erro autêntico. Vamos nos abrir ao mercado”, prevê.

Na Itália, Roma é a única cidade que organiza anualmente quatro festivais de Kizomba, com destaque para Fusion Kizomba Festival e o Festival Kizomba Romana.

Perante esta “crise”, um momento que obriga a superar os egos e seguir organizados, Pacavira corrobora com a percepção de Petchu sobre as rivalidades e boicotes entre angolanos.

“Quem está na banda pode não perceber, mas, para nós que vivemos aqui, na diáspora, a questão é evidente. A verdade é que todo o mundo se sente chefe. É uma tristeza”, reconheceu.



A primeira passada na Itália

No mês de Setembro passado, Fernando Rodrigues esteve em Angola com um grupo de italianos que se moveu para conhecer a terra da Kizomba. Filho das terras do Moxico, está radicado em Itália há 32 anos. No país europeu, não quis fixar-se na capital, tendo preferido seguir mais para o Norte, exactamente na província de Terni.

É nessa província onde organiza o seu festival, denominado “Karipande”, que acontece em Abril, em homenagem à comuna onde tomou Hoji-ya-Henda.

“Escolhi este mês por ser o da paz e por ser também o mês em que tomba Hoji-ya-Henda, o símbolo da juventude”, justifica.

Neste momento, o hotel onde organiza o festival já tem quase todos os quartos reservados para a próxima edição. Espera gente de todos os lados, desde o Japão, Nova

Zelândia, Espanha, França Estados Unidos...

Com mais de oitocentos lugares disponíveis, os interessados fazem as reservas através de um website, onde pagam já online toda a tarifa dos quatro dias de festival. Por exemplo, quem compra o “full Passe” paga 75 euros, um ano antes do evento. Ou seja, quanto mais se aproxima da data, mais o valor sobe, até atingir os 140 euros.

Fernando também se dedica à excursão. Por várias vezes leva turistas a Cabo Verde, pela simples razão deste país ter maior acessibilidade turística.

“Acho que o nosso país ainda está muito adormecido. Ainda não deu conta do que pode vir a ser o turismo da Kizomba. Por exemplo, para Cabo Verde, consigo levar cem pessoas de uma só vez. Mas para Angola, nesta minha primeira tentativa, apenas consegui levar dez pes-

soas”, justifica.

Para si, o sector do turismo ainda está muito atrasado, não obstante haver melhorias, o que levou a experimentar essa primeira viagem. Mas espera que mude em muitos aspectos e que iguale, pelo menos, os níveis de Cabo Verde.

“Esse é o meu trabalho. Vivo apenas das aulas de Kizomba. Ensino tanto aqui em Terni como na outra província, em Viterbo, onde vou apenas uma vez por semana. E aos finais de semana movo-me pela Europa”.

Destas idas a locais inesperados, a sua viagem mais marcante foi em 2007, quando foi convidado a fazer Kizomba num festival de Salsa, no interior da Bulgária.

“Hoje já é quase normal, mas na época, naquelas montanhas da Bulgária, isso de facto me marcou muito. Hoje, a Europa virou o trampolim para o resto do mundo. Eu, Petchu (Portugal), Morenaço (França) e outros vamos ensinando muita gente que vem à Europa só para se formar, e assim se expande”, frisa.

Fernando também organiza o festival “Kwata Kwata”, destinado a um público italiano, que acontece por dois dias no final do mês de Novembro.

“Kwata Kwata, porque é a campanha de introduzir uma fórmula de Kizomba no meio italiano, para estarem melhor preparados para o Karipande. Aqui, apostamos mais na música e já convidamos o Konde e o Maya Cool. Para este ano esperamos o Dom Kikas”, disse.

Bastante respeitado na Itália, Fernando é considerado o primeiro a trazer a Kizomba

ao país, isto nos idos anos de 1995. Por ser bailarino de Salsa, que era a febre da época, timidamente foi introduzindo aulas de Kizomba. Inicialmente, começou a ter um discreto sucesso, tanto que era sempre convidado para os grandes eventos de Salsa na Itália e ali aproveitava apresentar a Kizomba. Formalmente, a participação assumida em grandes eventos só começa em 2005, dez anos depois. Essa sua incursão valeu-lhe a alcunha de “embaixador da kizomba na Itália”. Igualmente, tem na forja um livro sobre o estilo, que espera publicar em tempo oportuno.

Direitos do Autor

Aproveitando a histórica relação entre Angola e Cuba, foi a 18 de Outubro que Carlos de Oliveira Soma “Calili”, natural do Sambizanga, organizou a noite “Tá Doce”, no KR-Club Roma, casa especializada em música cubana.

Para os gestores dos direitos de autor angolanos, Calili manifestou a preocupação relacionada ao facto de a entidade de gestão de direitos de autor italiana cobrar pelo uso de músicas de artistas angolanos.

“Só a organização Kizomba Romana tem cerca de oito escolas de dança e estas pagam direitos de autor para escutar e dançar a música angolana em solo italiano. E o próprio artista nem sabe que a sua música está a fazer dinheiro. Seria bom, a nível diplomático, velar por esta situação”, levanta o bailarino.

Membro da associação Kizomba Romana, confirma terem em média por volta de 150 alunos por mês, muitos deles prolongam por mais de cinco anos o aprendizado.



KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO

■ BASTOS QUISSANGA EM ROMA

Feliz nos campos e no amor



Matadi Makola/Roma

Bastos Quissanga é, sem margem para equívocos, o nome angolano que mais cintila na Itália. Essa estrela do futebol mundial trocou Moscovo por Roma, em 2016, na sequência de um contrato de quatro épocas com a histórica Lazio, com a qual veio a consagrar-se, em Maio deste ano, campeão da Taça de Itália. Na mira da equipa de reportagem do *Jornal de Angola* em deslocação à Itália, o encontro com a estrela aconteceu numa das mais luxuosas unidades hoteleiras da exuberante e monumental Roma. Mais do que feliz nos campos, Bastos provou estar igualmente bem num outro espaço, tanto que fez juras de amor à sua ama-

da noiva, a jornalista Nerika Palhares, de quem se fazia acompanhar nessa noite.

“Eu não sou a mesma pessoa desde que a conheci; é uma mulher muito importante na minha vida. Não me vejo sem ela. Ela é especial, extrovertida e positiva”, disse Bastos sobre a noiva, ao que Nerika retribuiu no mesmo tom e franqueza.

“Temos amigos em comum e nos conhecemos de forma ocasional. A partir do momento em que juntamos os trapos, não vejo somente nele o meu amor, mas alguém que inspira e motiva”, disse. Dispensadas as palavras, o casal deixou claro que, em Roma, no geral, é só felicidade.

Já se somam três anos desde a sua chegada a Roma e Bastos, numa breve análise do antes e depois, não duvida das transformações que vive.

■
“É um Bastos diferente, que vê as coisas de outro modo. Mais experiente a nível profissional e, sobretudo, a nível pessoal. Gosto de viver cá em Roma e cá na Lazio sinto-me feliz. Até ao momento, tem sido uma experiência muito boa”, admitiu. Nunca pensou estar num clube da dimensão da Lazio

“É um Bastos diferente, que vê as coisas de outro modo. Mais experiente a nível profissional e, sobretudo, a nível pessoal. Gosto de viver cá em Roma e cá na Lazio sinto-me feliz. Até ao momento, tem sido uma experiência muito boa”, admitiu.

Nunca pensou estar num clube da dimensão da Lazio,

mas, consciente do seu talento, deixava a modéstia à parte e sonhava, como qualquer jogador de futebol, competir nos grandes campeonatos da Europa.

A transição de Moscovo (representou o Ansa Rostov Rostock) para Roma só lhe favoreceu. Ou seja, na capital italiana, em termos de adaptação, não foi muito difícil como foi na Rússia.

“A cidade de Roma tem coisas que me fazem lembrar a nossa cultura, desde a gastronomia à língua. Desde o primeiro ano que não tive grandes dificuldades. Percebia logo uma coisa ou outra. Sinto-me bem, é uma cidade acolhedora. Claro que os sonhos nunca acabam e cá tenho os meus objectivos a nível da Europa. O futuro a Deus pertence. Tenho trabalhado para ter oportunidades”, alertou.

👁️ O menino do Golfe

Matadi Makola

Bastos começou na rua, com os amigos, em Luanda, concretamente no Bairro do Golfe. Depois passa pelo ASA, onde joga até aos juvenis. A próxima e derradeira porta a bater é a do Petro de Luanda, onde chama a atenção dos olheiros e dos amantes do futebol nacional. Por isso, Bastos garante que, onde quer que esteja, jamais se esquecerá do clube petrolífero.

“Hoje eu sou este Bastos graças ao Petro, que me deu esta oportunidade. Tenho um carinho muito grande pelo ASA, porque lá tive a oportunidade de fazer a minha formação. E no Petro continuei e amadureci. Sou eternamente grato ao Petro. Ser o Bastos que sou hoje, leva-me a dizer muito obrigado, Petro, e sou e serei eternamente petrolífero”, revelou.

Porém, a sua estrada para o sucesso é feita também de outros nomes singulares. Bastos não esquece as muitas pessoas à sua volta, que, desde menino, sempre acreditaram no seu talento, longe de se adivinhar onde chegaria.

“Nessa minha trajetória ainda em curso, devo dizer que os treinadores do bairro foram fundamentais para mim. Só tenho de agradecer a essas pessoas”, reconhe-

ceu. Para as muitas estrelas ainda a despontar em bairros como o Rocha Pinto, Bastos deixa o recado, do segredo que acredita ter sido fundamental para sua ida à Europa.

“Temos de acreditar nos nossos sonhos e sermos persistentes. Porque dificuldades de certeza que iremos encontrar durante essa trajetória e muito trabalho, muito trabalho mesmo. Muito foco no objectivo e muita disciplina, que são ferramentas que nos ajudam a crescer muito mais,” aconselha.

Para o jogador, os escalões júniores devem merecer maior atenção, dado que é nessa fase que se molda melhor o jogador, porque quando se chega a sénior já sobra muito pouco tempo.

No seu caso, a importância de um técnico atento à sua desenvoltura em campo foi fundamental para progredir dentro da equipa. Precisamente, a posição em que joga hoje foi uma adaptação de percurso, consequência de um olhar minucioso de um técnico de base. Quando mais novo, jogava na posição de extremo, só depois, já no



Petro, pela mão do professor Amuleto Campos, conseguiu rever-se na posição de central.

“Mesmo no ASA joguei extremo. Hoje, sinto-me muito bem, porque domino melhor e aprendi muito durante esses anos. Dá-me conforto. Se calhar, poderia fazer noutras posições, a de central é que me dá mais conforto e confiança”, sustenta.

Quanto ao doméstico Girabola, é de opinião que “o calcanhar d’aquiles ainda está na organização”, embora classifique como sendo um campeonato muito competitivo, não descartando a hipótese de ser um dos melhores de África.

“Mas precisa de acompanhamento e organização”, apontou.

👁️ Nerika não deixa faltar o funge

KINDALA MANUEL

“**Eu estou bem**, estou muito feliz. É como se tem dito na gíria, família feliz, vida boa”, reforça Bastos. Quanto ao local do casamento, divididos entre Angola ou Itália, o casal ainda está a avaliar, sem lugar e data concreta. Prometem anunciar em breve.

Nerika revelou que se sente orgulhosa pelo sentido patriótico de Bastos, por, independentemente de haver os programas internos do clube, ele não hesitar jamais em representar a seleção. “Eu estou sempre disponível para a seleção”, reforçou Bastos.

Nerika revelou que o craque come de tudo um pouco. “Graças a Deus, não é complicado”, graceja. Porém, a noiva garante não lhe faltar funge, excepto quando está a uma hora dos treinos. Naturalmente, a boa massa italiana também já ganhou o seu espaço na mesa do casal.

Apesar de toda a exuberância milenar de Roma, o que conta para Nerika é estar ao lado de Bastos. “Ao lado do meu amado, qualquer lugar torna-se bonito”, partilha.

“Pessoalmente, o Bastos é muito solidário. Ele gosta muito de ver as crianças a jogar”, começou Nerika a revelar o que no fundo é um grande sonho do jogador. Na verdade, passa pela cabeça de Bastos um dia abrir um projeto que inclua uma escola de futebol, onde pudesse ensinar e orientar.

“Porque temos muito talento em Angola que precisa



Bastos Quissanga e Nerika Palhares felizes em Roma

ser trabalhado. E falo pela experiência que eu tive, de colegas que não chegaram a militar na equipa principal porque não tiveram o acompanhamento devido. Hoje digo isso porque estou adulto e consigo ver as coisas de um modo diferente”, sustentou.

Sobre o dia de hoje, ímpar na memória colectiva dos angolanos, Bastos não fica apenas pelo seu pendor his-

tórico, mas também aproveita a data para pedir que os angolanos estejam unidos num momento difícil da economia do país e sejam crenças das reformas em curso.

“Vamos continuar a acreditar, as coisas de certeza irão melhorar. É preciso sempre um pensamento positivo e esperarmos que as coisas melhorem um pouco mais”, exorta o craque.

Sonhos bons e pesadelos na longa História angolana

Luciano Rocha

A Angola nascida, faz hoje 44 anos, anunciada, “a África e ao Mundo”, como país independente e soberano, continua longe dos objectivos daqueles que a idealizaram como Pátria da Solidariedade, sem as desigualdades que, ainda, a dilaceram.

O parto angolano, longo e doloroso, começou, como se sabe, nos tempos do muito antigamente, com as primeiras revoltas contra os ocupantes, portugueses, espanhóis, holandeses ou de quaisquer outras paragens mais ou menos longínquas, a que se juntaram guerras fratricidas, que cobiça não tem berço assinalado. Como peste, surge em qualquer lugar, ataca uns, principalmente os economicamente mais débeis, “outros” não, inclusivamente, divide famílias, separa vizinhos e amigos de longa data.

O delírio do lucro fácil, conseguido a qualquer preço, começou cedo, antes da Independência, quando angolanos, em conluio com ocupantes ou quaisquer estrangeiros que chegavam até nós, não hesitavam em vender pessoas, aprisionadas como peças de caça, acorrentadas e transportadas, umas em cima das outras, entre choros de crianças e lágrimas de mulheres, de todas as idades, separadas de maridos e filhos, em porões de barcos, sem sentirem, sequer, o cheiro dos mares pelos quais navegavam, para serem vendidas em terras de muito longe, de onde nunca voltavam.

Todos esses séculos de martírios indescritíveis existiram, não são estórias de assustar crianças, mesmo que, neste presente sobre o qual estamos obrigados a construir o futuro, haja quem faça por ser esquecido. Em alguns casos por ignorância inconcebível, com homenagens a traficantes de seres humanos.

Como sucede com o nome dado ao edifício onde funciona o Tribunal Provincial de Luanda, um órgão de Justiça, o que não deixa de ser um paradoxo, pois a homenagem foi das maiores, se não a maior, escravagistas de Luanda, com negócios em várias partes do mundo.

Era ali que ela - convidada habitual dos festins no palácio do Governo colonial - dava jantaras à base de iguarias vindas da Europa, bem regadas, não naturalmente por bebidas da terra, mas com toda a espécie de vinhos caríssimos. Os convivas eram gente da sua igualha, escumalha de várias nacionalidades. Enquanto se empanturravam, embebedavam, ouviam música, acertavam destinos e preços de vendas, por baixo deles,



Antiga fachada do prédio que hoje tem nome de escravagista

em armazéns escuros, sem ventilação, acorrentadas, de pés e mãos, havia as “peças” - como os vendedores de pessoas chamavam às vítimas do escravagismo -, aguardavam o momento da partida sem saberem quando e onde era a chegada.

Na Angola, nascida, faz hoje 44 anos, anunciada, “a África e ao Mundo”, pelo nosso primeiro Presidente, como país independente e soberano, à maioria de nós não passava pela cabeça quanta água dos nossos rios havia de passar por baixo das pontes que ainda tínhamos para vivermos, finalmente, sem tiros e, muito menos, que os filhos desta Pátria sofrida, tantas vezes adiada, ainda tinham de sofrer, na alma, as atrocidades infligidas por patriotas, como sucede hoje.

Naquele 11 de Novembro de 1975, à quase totalidade de nós, que tivemos o privilégio de ver nascer um país - quantos, neste mundo, podem dizer isso?

- jamais nos passou pela cabeça, nem nos piores pesadelos - e vivemos alguns acordados - que alguma vez surgissem admiradores e discípulos da escravagista homenageada num edifício público, como aquele onde está instalado um órgão da Justiça.

Os nossos pensamentos, naquela noite, de esperança nova, eram povoados com nomes e datas gravados na História com palavras de destemor. De que são exemplos, entre tantos, os das mártires do Esquadrão Camy, dos camponeses da Baixa do Kassanje, em 4 de Janeiro de 1961, dos que, exactamente um mês depois, em Luanda, “quebraram as algemas” do povo anónimo, ao desafiarem o regime colonial, com o ataque à Casa da Reclusão, na qual estavam encarcerados alguns dos lutadores pela liberdade pátria. A que se juntavam todos os que nas cadeias e campos de concentração pagavam, com a clausura, o sonho de deixarem de ser tratados como intrusos na terra que lhes nasceu.

O nosso nascimento como

Nação soberana e independente ocorreu, como no passado, com actos de heroicidade em vários campos de batalha para impedir que novos intrusos, de diversas nacionalidades, se apoderassem dela. E na hora de começarmos a edificar a Pátria Solidária não o conseguimos pelo agravar das guerras fratricidas.

Depois, um dia, após derrotarmos o que era considerado o mais poderoso exército de África, silenciámos as armas, demos as mãos, fizemos por enterrar instigadas querelas antigas, dispusemo-nos a arregaçar as mangas para, juntos, na diversidade, reconstruirmos o país do futuro.

O sonho parecia, finalmente, começar a concretizar-se, até percebermos que voltava a transformar-se em pesadelo, com o surgimento de grupos, interligados, que, tal como os escravagistas de outrora, levavam vida fácil, em festanças consistentes, à custa do mal alheio, com resultados idênticos.

Em ambos os casos, as maiores vítimas foram os mais desfavorecidos. Uns adoeceram e morreram nos porões de navios, sem assistência, nem medicamentos, sequer ar para respirarem, outros em terras áridas atingidas pela estiagem, vazias de poços de água, sem caminhos para escoar o pouco que, a dada altura, conseguiram semear e colher, remédios que os salvasse da morte por terem sido desviados para o mercado paralelo.

Os resultados dos crimes dos escravagistas de então e dos que fizeram do erário cofre privado não diferem muito. A esperança é que os habitantes da Angola do futuro sejam mais esclarecidos, menos distraídos, para não haver, por exemplo, um prédio, onde funcione uma organização dos direitos humanos, com o nome de um dos marimbondos de hoje.

■ ANGOLANO DO ATLANTA HAWKS

Bruno Fernando é nome que começa a soar bem na NBA

Jogador estreou-se oficialmente a 24 de Outubro na Liga de Basquetebol mais mediática do mundo, A NBA. Contrato com a equipa da Conferência Este tem duração de três anos

Anaximando Magalhães

Surgido nos holofotes da bola ao cesto sem muita sonoridade, por não ter registo numa equipa sénior do Campeonato Nacional de Basquetebol, o nome de Bruno Fernando era, até à realização do Draft de 2019 da NBA, desconhecido da grande maioria. Mas, no momento actual, é, provavelmente, o mais sonante do desporto angolano além fronteiras.

A elevação da figura do atleta deve-se ao facto de ter sido contratado pelos Atlanta Hawks e de ser o primeiro a

fazer hastear a bandeira de Angola nos distintos recintos desportivos da Liga mais mediática de basquetebol do Mundo. Nos Estados Unidos, país onde a modalidade agita multidões, movimenta biliões e tem a atenção de todo o Mundo, Bruno Fernando, de 21 anos, 2,08 metros, 109 kg, estreou-se oficialmente pelos Hawks, a 24 de Outubro. Isso depois de algum cepticismo à sua volta, mesmo tendo feito a pré-época com a equipa da Conferência Este, orientada por Lloyd Pierce, técnico apreciador das suas qualidades.

Ainda assim, a presença de Bruno na equipa pela qual viria a assinar contrato com duração de três anos, a troco de quatro milhões e 700 mil dólares norte-americanos, era uma incógnita. Não porque lhe faltassem qualidades para constar da lista final. As suspeições em torno da permanência naquela franquia surgiram logo após a troca entre clubes.

Escolhido na posição 34ª do Draft de 2019, pelos Philadelphia 76ers, Bruno Fernando foi cedido por este clube aos Atlanta Hawks, no âmbito de uma permuta de jogadores.

O reforço de incerteza ganhou maior sustentação por força de experiências mal sucedidas

de outros angolanos, casos de Gerson Monteiro, nos San Antonio Spurs, Victor Muzadi (Dallas Mavericks), Olímpio Cipriano (Detroit Pistons), Carlos Morais (Toronto Raptors) e Yanick Moreira (New Jersey Nets e Los Angeles Clippers).

Diferente da trajectória dos seus antecessores, eis que o antigo pupilo de Joaquim Pinto e Maria Miguel “Valódia”, seus treinadores nos escalões de formação do 1º de Agosto, clube ao qual chegou com 6 anos, acabou aprovado. O jogador, de muitos adjectivos e de relação íntima com o cesto, por gostar de terminar a maior parte das jogadas em smash, foi levado para os Estados Unidos por Jean Jacques da Conceição, dos expoentes máximo da história do basquetebol angolano.

Bruno Fernando inscreveu o nome num registo inédito assinalado por Angola no pós Independência. Na primeira partida oficial dos Hawks, com vitória por 117-100, sobre os Detroit Pistons, Bruno, campeão africano das nações, nos escalões Sub-16 e Sub-18, mesmo não tendo feito uma exibição “sonora”, alinhou por 14 minutos.

Durante o período em que esteve na quadra, do Pavilhão State Farm Arena, Fernando marcou sete pontos, quatro resultantes de lançamentos de meia distância e três de lançamento triplo. Isso num total de seis lançamentos. No cadastro, realce ainda para duas assistências e três ressaltos.

Números da pré-época

Na pré-época, em cinco partidas, o atleta alinhou 80 minutos, tendo marcado 16 pontos, média de 3,2 pontos por partida. No despique da bola no ar, capturou 15 ressaltos, seis ofensivos e nove defensivos. Para estes números, muito contribuiu a postura demonstrada no desafio frente ao Orlando Magic, no qual apanhou cinco bolas.

Nos lançamentos de dois pontos, tentou oito e converteu cinco, média

de 63 por cento; no de três, conseguiu um em dois, 50 por cento, o mesmo percentual alcançado na linha de lances livres, área de cobrança de faltas.

Nos jogos de preparação, o Atlanta Hawks ganhou, por 100-96, somente ao New York Knicks. Nas outras partidas, saiu vergado, 109-133, ante o New Orleans Pelicans, 88-97, Orlando Magic, 87-120, Miami Heat, 93-111, Chicago Bulls.





■ **ADJANY COSTA GANHOU DISTINÇÃO DA ONU**

Mundo fica a conhecer espécies de Angola pela mão da Bióloga

É a primeira angolana a receber o prémio “Jovens Campeões da Terra”, atribuído em Setembro deste ano, pela Organização das Nações Unidas a jovens ambientalistas do mundo, que se destacaram na luta pela conservação e preservação da biodiversidade. A angolana já em quatro ocasiões foi atacada por hipopótamos, mas nem por isso deixa de fazer um trabalho para o qual já mostrou que tem vocação.

Manuela Gomes

Nem mesmo o facto de ter sido atacada quatro vezes por hipopótamos e, em duas ocasiões, por elefantes desencorajou a bióloga angolana Adjany Costa de levar avante as pesquisas sobre a vida selvagem no país, através de uma expedição pelas bacias do rio Okavango, explorando um percurso de 2500 quilómetros, que passou por Angola, Namíbia e Botswana.

Aos 29 anos, Adjany Costa é, desde criança, uma verdadeira apaixonada pela natureza e, com tenra idade, assistia documentários televisivos sobre animais e vida selvagem. Todos os seus marcos profissionais e académicos têm um foco: contribuir para a protecção do meio ambiente.

Nascida em 1989, a primeira memória que tem da infância é sobre a guerra pós-eleitoral, desencadeada em Angola, 1992, ao ouvir o matraquear de uma AKM-47 e o ribombar de canhões. Mas para a jovem Adjany Costa “não existe pior som do que uma floresta a arder.”

“Quando era pequena, fitava o mar durante horas. Queria saber o que a sua imensidão lhe escondia”, revelou Adjany Costa, que mais tarde decidiu estudar. Entrou para a universidade e notou que a profissão de bióloga tem muitos obstáculos e, muitas vezes, “a pessoa pensa que não adianta continuar.”

Obteve o diploma de bacharel em Biologia, em 2010, trabalhando com tartarugas marinhas. Durante a pesquisa descobriu um novo haplótipo mitocondrial do ridley olive (*Iepidochelys olivacea*), uma espécie de tartaruga exclusiva de Angola.

Um ano depois, isto é, em Abril de 2011, a angolana participou na segunda edição da National Geographic Summit, realizada no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, onde partilhou o palco com a mais conceituada bióloga marinha do mundo, Sylvia Earle.

No ano seguinte, foi contemplada com uma bolsa de estudo, para o mestrado Erasmus Mundus, em Biodiversidade e Conservação Marinha, onde conduziu vários projectos em algumas das melhores instituições de pesquisa marinha, em Oviedo (Espanha), Faro (Portugal), Creta (Grécia), Gante (Bélgica), Bremen e Bremerhaven (Alemanha).

Regressou a Angola e partiu para Okavango, para

desenvolver o projecto Wilderness, da National Geographic, na companhia de 25 homens. Era a única mulher. Na altura, confrontou-se com vários animais da fauna e da flora e foi inclusive atacada por elefantes, hipopótamos e outros animais, mas não desistiu.

Trabalhou com a comunidade de Luchaze, uma localidade da província do Cuando Cubango, ameaçada por práticas insustentáveis, devido à guerra, e a presença de minas terrestres, principalmente na floresta de Miombo, explorando um percurso de cerca de 2.500 quilómetros entre Angola, Namíbia e Botswana.

Durante a expedição que efectuou ao longo das bacias

— ■ —
Nascida em 1989, a primeira memória que tem da infância é sobre a guerra pós-eleitoral, desencadeada em Angola, 1992, ao ouvir o matraquear de uma AKM-47 e o ribombar de canhões. Mas para a jovem Adjany Costa “não existe pior som do que uma floresta a arder.”

dos rios Okavango e Cuando, Adjany Costa e seus companheiros efectuaram uma descoberta de 24 espécies potencialmente novas para a ciência, quatro das quais peixes, cuja existência era desconhecida na flora e fauna em Angola.

A também conservacionista e ictologista mudou-se recentemente para Londres, onde vai frequentar um curso de doutoramento em Biodiversidade, na Universidade de Oxford. De acordo com a bióloga, o estudo a efectuar em Inglaterra está intrinsecamente ligado ao trabalho realizado junto das comunidades no Leste de Angola.

Além de estudar peixes de água doce, nas bacias dos rios Okavango e Cuando, Adjany Costa espera criar uma área marinha protegida ao longo do sudoeste de Angola, contígua à costa do esqueleto na Namíbia, bem como criar estratégias para ajudar a melhorar a vida dos povos daquela região.



Jovem campeã da Terra

No dia 26 de Setembro do corrente ano, a bióloga angolana recebeu, em Nova Iorque (EUA), o prémio “Jovens Campeões da Terra”, atribuído pela Organização das Nações Unidas (ONU), durante a Assembleia Geral daquela organização mundial, na presença do Presidente da República, João Lourenço, e de centena de Chefes de Estado e de Governo.

Adjany Costa foi contemplada com duas bolsas de estudo, uma no valor de 15 mil dólares, para dar sequência ao trabalho de campo, e outra de nove mil dólares, para a cobertura de media e marketing.

“É um reconhecimento e uma visibilidade que ajuda a motivar outras pessoas que querem seguir esta carreira difícil, mas de grande prestígio”, expressou a bióloga, após receber a distinção na sede da ONU.

Para Adjany Costa, a distinção “é uma forma de reconhecer que existe conservação feita em Angola e pessoas interessadas em proteger a vida selvagem.”

O facto de ser incluída na National Geographic, integrando o projecto Okavango Wilderness, em 2015, como parte de equipa de Ictiologia, tornou a sua experiência de trabalho de campo mais extensa, confessa Adjany Costa, que, no ano seguinte, tornou-se directora do projecto em Angola.

Segundo a bióloga, com a realização dessa actividade, teve a possibilidade de ganhar experiência com políticas e processos de tomada de decisão em matéria de conservação do ambiente, bem como consultoria nesta área, estudos de impacto ambiental e programas de monitoria para ambientes aquáticos, tanto marinhos como continentais.

Adjany Costa é exploradora emergente da National Geographic, membro do Comitê de Conservação de Água Doce da IUCN e está empenhada na co-fundação de uma organização que visa proteger o deserto de Angola.

Em 2018, a bióloga conquistou o Globos de Ouro Angola, um prémio que distingue jovens que se destacam na sociedade. Ela é co-autora do livro infantil denominado “Muadi, o regresso dos elefantes”, onde é retratado o regresso desse animal ao país, depois de emigrar para a Namíbia por causa da guerra.



A bióloga Adjany Costa é uma verdadeira apaixonada pela natureza e bate-se pela preservação do meio ambiente

■ ANGOLANA DJAIMA MARTINS

Uma mente ligada a projectos económicos do Fundo Monetário



expressão portuguesa.

Diferente da função de quadros indicados pelo país, para cuidarem dos interesses de Angola nos escritórios junto do FMI, as chamadas “constituências”, Djaima Martins desenvolve a capacitação técnica dos 15 países a nível da compilação e disseminação de EFP.

“Cabe às constituências defenderem os interesses dos respectivos países. Fora desta estrutura, não está contemplado no FMI a ajuda de cidadãos nacionais, no processo de tomada de decisões dos seus Estados”, disse. A jovem contabilista esclareceu que os nacionais que compõem o quadro do FMI têm o dever de contribuir para os objectivos estatutários da organização internacional.

Há oito meses sem pisar o solo angolano, Djaima Martins não descarta a hipótese de regressar ao país, uma vez que conserva o vínculo laboral com o Ministério das Finanças.

“A nível profissional, não perdi o vínculo com o país e a minha passagem pelo FMI está programada para ser por um tempo determinado”, esclareceu.

Djaima Martins espera ver Angola, daqui a 10 anos, com os grandes desafios ultrapassados e um destino promissor, de que todos os angolanos se possam orgulhar. “Certamente, com muito esforço de todos, em particular dos líderes, e muita sabedoria, conseguiremos desenvolver o país em todos os sectores”, almejou.

Para a economista, a aposta no crescimento sustentável, através de reformas estruturais que contemplem estratégias de implementação adequadas, e manutenção de resultados a longo prazo, é fundamental para a estabilidade política e económica do país.

Na sua forma de ver, é crucial existirem grandes investimentos, numa fase em que o país ainda não atingiu os objectivos de diversificação da economia e a independência do sector petrolífero.

“É de facto desafiante desenvolver a economia numa fase em que os preços do petróleo estão em baixa e a produção aquém do previsto”, admitiu.

Natacha Roberto

A angolana Djaima Martins, 35 anos, integra há oito meses o quadro de pessoal do Fundo Monetário Internacional (FMI), instituição financeira com sede nos Estados Unidos da América (EUA). Contabilista de profissão, a jovem faz parte de um grupo de quatro angolanos que trabalha a convite daquele, em projectos ligados à política económica dos países membros.

“Sonho fazer carreira na área de macro-economia, com especialidade no sector fiscal e viajar pelo mundo inteiro”, afirma, numa conversa por email que manteve com o *Jornal de Angola*. “O meu percurso académico é fruto de investimen-

to dos meus pais e de muita dedicação aos estudos da minha parte”, acrescenta.

Djaima Martins conta que o gosto pela Economia surgiu quando ainda frequentava o Curso Médio de Ciências Sociais, segunda etapa da sua formação, depois de ter concluído o Ensino Primário.

Depois de concluir a licenciatura em Contabilidade, Gestão Financeira e Administração, na Universidade Sheffield, no Reino Unido, aos 23 anos, estagiou na St. James’s Place Partnership, empresa sediada em Londres, vocacionada para a gestão de fundos, consultoria e planeamento financeiro.

Entre 2007 e 2008, Djaima Martins finalizou uma pós-

Entre 2007 e 2008, Djaima Martins finalizou uma pós-graduação em Finanças Internacionais, na Escola Europeia de Economia e um mestrado em Investimento e Finanças Quantitativas, na Universidade de Westminster, em Londres.

graduação em Finanças Internacionais, na Escola Europeia de Economia e um mestrado em Investimento e Finanças Quantitativas, na Universidade de Wes-

minster, em Londres.

De regresso a Angola, integra, em 2009, o quadro de pessoal da Fundação Sagrada Esperança, onde trabalha quatro meses, antes de ser recrutada pela Sonangol, na condição de analista financeira. Em 2012 ingressa no Ministério das Finanças, onde, até ao ano passado, chefiou o Departamento de Estudos e Estatística do Gabinete de Estudos e Relações Internacionais.

Perita em estatística das Finanças Públicas, Djaima Martins participou, enquanto técnica do Ministério das Finanças, em projectos de âmbito regional. Depois da experiência acumulada nos organismos por onde trabalhou, a téc-

nica foi sondada e convidada a trabalhar para o FMI.

Em sua opinião, as universidades angolanas deviam apostar na investigação, para tornar os quadros mais bem sucedidos num ambiente profissional competitivo.

“Durante a minha formação universitária, o acesso a jornais científicos fazia parte do currículo académico. Actualmente, esses jornais são mecanismos fáceis, rápidos e baratos”, referiu.

Domínio da estatística

Como economista na Divisão de Finanças Públicas do Departamento de Estatística do FMI, Djaima Martins assume a responsabilidade de acompanhar as Estatísticas de Finanças Públicas (EFP) de 15 países, incluindo os de

Angolanos nas instituições da Bretton Woods

Djaima Martins conta que quatro angolanos estão no Fundo Monetário Internacional (FMI) e três no World Bank, a desempenharem funções como representantes de Angola.

“É possível criar uma dinâmica mais forte na relação com estas instituições, de modo a aumentar a nossa representatividade, enquanto cidadãos angolanos”, referiu.

Em sua opinião, quadros angolanos procuram vaga no FMI em busca de novos desafios e o interesse em expandir o conhecimento a nível do sector e da política fiscal, por concentrar recursos humanos e dedicar-se à análise macro-económica.

“O mercado de trabalho

angolano é mais rígido. Mercados de trabalho como os EUA estão focados em atrair recursos humanos qualificados e são mais flexíveis para o investidor e empregador, porque permitem uma maior margem de negociação da relação contratual”, disse.

A especialista em contabilidade e gestão conta que a Nigéria é, entre os africanos, o país que mais quadros tem nestas instituições, por ter, entre outras vantagens, o domínio da Língua Inglesa.

“Fico com a sensação de que os angolanos só agora começam a descobrir as instituições de Bretton Woods como aposta na carreira, pese embora a nível do Governo

já ter sido contemplada a estratégia de promoção de quadros”, disse.

Quanto à abertura às instituições de Bretton Woods a novos quadros angolanos, lembrou que o FMI tem quotas de representação para todos os países membros e Angola é um dos sub-representados, por não existirem candidatos.

“As vagas são preenchidas por quadros interessados. A demanda de quadros muito bem formados, pelas melhores universidades do mundo, é grande. Logo, o FMI não tem facilidade em preencher as suas vagas. Deverá ser do interesse do país e dos angolanos”, acentuou.

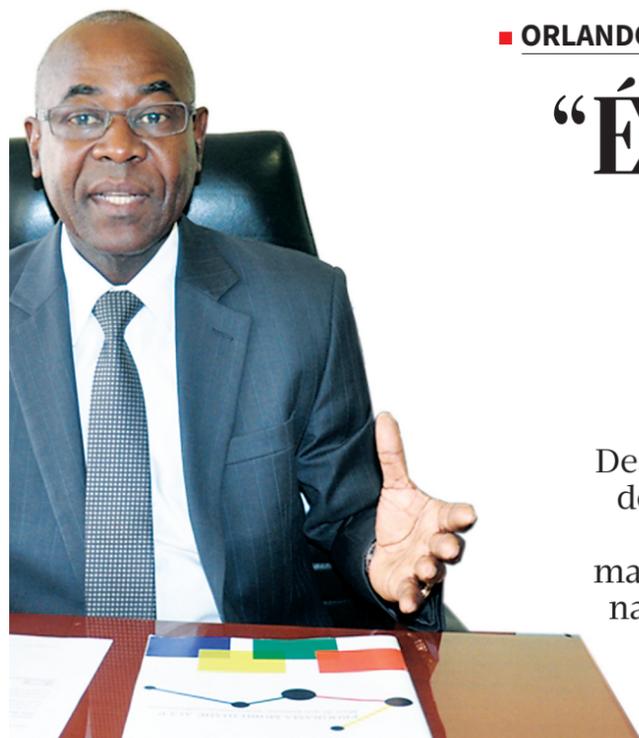
Djaima Martins explica que, para ingressar no FMI, tudo começa com a criação de um perfil na página online de carreiras da organização, seguido por uma candidatura à vagas disponíveis, uma vez que, diariamente, são divulgadas várias posições e é realizado um recrutamento regional.

Por outro lado, o acesso aos aplicativos em uso no mercado de trabalho, desde a universidade, preparamos para a realidade profissional. Durante a minha licenciatura e mestrado, na Inglaterra, tive acesso a programas como Bloomberg, Eviews, Stata e outros softwares familiares.



Djaima Martins é perita em estatísticas de finanças públicas

■ ORLANDO DA MATA, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DAS UNIVERSIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA (AULP)



José Meireles

Há quanto tempo preside a AULP e como chegou ao cadeirão dessa prestigiada organização académica?

Fui eleito para a presidência da AULP há dois anos, durante o XXVII encontro da associação, que teve lugar entre os dias 10 e 12 de Julho de 2017, no Centro de Convenções da Unicamp, tendo como anfitriã a Universidade Estadual de Campinas, Brasil, e substituí no cargo o Prof. Doutor Rui Martins, da Universidade de Macau.

Quando foi eleito, como encontrou a instituição?

Assente em alicerces sólidos, boa aceitação e reconhecimento por parte dos seus membros (num total de 136, dos quais 15 instituições angolanas, sendo o Brasil o país com mais universidades filiadas).

Quais são as linhas de força do seu mandato?

A implementação do Programa Mobilidade AULP, que já vai apresentando os primeiros resultados, estando nesse momento cadastradas na plataforma do programa 66 instituições, entre as quais sete angolanas, tendo registado já 134 candidaturas de estudantes e 344 projectos, constitui a principal linha de força do nosso mandato.

A adesão a outras associações internacionais (aderimos este ano à Associação Internacional das Universidades - IAU), o estreitamento das relações com o Secretariado Executivo da CPLP, manter a coesão no seio dos seus membros, aumentar o número de associados, dar continuidade à promoção da Língua Portuguesa no espaço lusófono, promover uma maior cooperação académica, científica e cultural, entre os associados, aumentar o número de instituições de ensino superior angolanas na AULP, assim como a participação das mesmas nos eventos organizados pela associação, incentivar os docentes e investigadores angolanos a publicarem artigos na Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP), que é a revista científica da AULP, complementam as linhas de força do nosso mandato.

A China, que não é um país de expressão portuguesa, tem dezenas de universidades que ministram cursos de Língua Portuguesa. Como a AULP encara essa visão do país asiático?

O conhecimento da língua facilita a negociação (iniciativa "One Belt, One Road" - grandes investimentos em infra-estruturas, em vários países de expressão portuguesa) e o relacionamento entre os povos. Consideramos, por isso, o conhecimento de uma determinada língua como um factor impulsionador no desenvolvimento das relações entre Estados e nações. Gostaria de destacar o papel de Macau, como plataforma no fortalecimento das relações académicas, científicas, culturais e económicas entre a China e os Países de Língua Portuguesa. A China não somente possui dezenas de universidades que ministram cursos de Língua Portuguesa, como também tem vindo a incentivar a criação do Instituto Confúcio (instituição vocacionada ao estudo da língua e cultura chinesa) nos países de Língua Portuguesa. Em 2013, ainda como reitor da Universidade Agostinho Neto, assinámos um acordo com a Universidade de Harbin, na China, para a criação do Instituto Confúcio na nossa universidade, tendo o mesmo sido inaugurado em 2015. Assim, a Universidade Agostinho Neto possui oficialmente, desde 2015, o primeiro e único Instituto Confúcio em Angola.

Quais são os resultados alcançados no último encontro da AULP, realizado em Julho em Lisboa?

Foram muitos, a começar pelos que geralmente se enquadram nos objectivos que definimos para cada encontro. Por isso, devo realçar que uma vez mais todas as instituições aproveitaram ao máximo a oportunidade para materializarem os seus planos de cooperação e intercâmbio institucional. Em relação ao alcance dos objectivos científicos, permitam-me destacar alguns estudos pertinentes para a comunidade, como é o caso dos focados na igualdade

étnica e racial de povos e para as tendências para a compreensão de grandes manifestações artísticas, folclóricas, a música, a dança e o cinema, nos quais se descrevem traços identitários da história dos povos da Lusofonia. Outro estudo a assinalar é o que incide sobre a coesão social por via da educação, bem como os direccionados para realçar o papel da escola, e de todos os membros da comunidade lusófona, na promoção da igualdade social, na efectivação da unidade nacional, enquanto factor de promoção da convivência sã nos nossos países. Destaco também a pesquisa à volta dos desafios para o estudo das línguas indígenas e as novas tendências do ensino da língua portuguesa. Esta foi a maior oportunidade para a divulgação do Programa de Mobilidade AULP, que começou definitivamente a dar os seus resultados, depois do processo de preparação.

É o segundo angolano a assumir o cargo de presidente da AULP, depois de João Teta pela UAN. Como se sente, enquanto angolano, académico, estar à frente de uma instituição com o prestígio da AULP?

É um privilégio enorme assumir um cargo de tão elevada responsabilidade. Mas esse prestígio transcende ao facto de ser o segundo angolano a ocupar este cargo, uma vez que penso existirem em Angola outros académicos com competências para exercerem o mesmo.

Que vantagens têm colhido as IES angolanas, particularmente a Universidade Mandume ya Ndemufayo, pelo facto de ter à testa da AULP o reitor da própria universidade?

Não gostaria de particularizar os benefícios para a Universidade Mandume ya Ndemufayo, mas para todas as IES angolanas. Tendo o ensino superior em Angola sofrido uma reforma, em 2009, que possibilitou a criação de oito novas universidades públicas, ascender à presidência da AULP, em 2017, representava uma oportunidade única para proporcionarmos a essas novas universidades angolanas, que contavam na altura com apenas oito anos de existência, a possibilidade de cooperação e intercâmbio com as instituições mais renomadas da lusofonia, garantir aos seus investigadores a possibilidade de apresentação, perante uma comunidade científica de excelência, dos seus trabalhos por meio da participação nos encontros temáticos promovidos pela associação, e ainda abrir a possibilidade de divulgação dos resultados da sua produção científica numa revista internacional, refiro-me à Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP).

O senhor, enquanto presidente da AULP, disse que pretende que a mobilidade académica e a formação de pós-graduação sejam uma constante para que as instituições de ensino superior angolanas estejam em pé de igualdade com outras, quer a nível dos Países

de Língua Portuguesa, quer do resto do mundo. Que frutos tem colhido dessa visão?

Trata-se de uma questão bastante pertinente, uma vez que a mobilidade académica é uma das apostas fortes do nosso mandato. Assim, digo que é com grande satisfação que as IES angolanas, com realce para a UMN, vão recebendo inscrições no âmbito do Programa de Mobilidade AULP. Essa constatação demonstra que essas instituições despertaram o interesse dos estudantes de fora de África, uma projecção que em grande medida se deve ao facto de estarmos na AULP e termos procurado aproveitar ao máximo todas as oportunidades que a instituição oferece às IES a ela filiadas de crescerem e alcançarem a excelência académica por via da cooperação.

O académico João Teta, que presidiu a AULP de 2002 a 2005, considerou a agremiação como "monstro adormecido", devido à falta de apoio coordenado e multiforme, a nível dos países membros da CPLP, na materialização efectiva do "espaço de ensino superior". Essa visão continua actual? Era a visão que o professor João Teta tinha na altura, em função de um contexto específico. Mas, passados 12 anos, devo dizer que provavelmente esta reflexão deve ter feito a nossa associação trabalhar para que hoje estejamos num patamar completamente diferente. Nunca é demais lembrar aqui uma expressão que muito uso nas minhas intervenções, que é: "a AULP é provavel-

mente a maior e mais prestigiada associação de instituições de ensino superior da lusofonia" e tal não seria possível sem a inseparável ligação que alicerçamos com a CPLP e outras prestigiadas organizações parceiras do espaço lusófono e não só.

O senhor já foi vice-ministro da Ciência e Tecnologia. Onde se sente melhor, como político ou académico?

Devo confessar que não existe para mim um grau comparativo de satisfação entre estar mais à vontade na política ou na academia. O facto é que observamos sempre com grande responsabilidade a missão de servirmos a sociedade, principalmente no caso de Angola, onde os académicos, muitas vezes, são chamados a dar o seu contributo, exercendo funções tanto a nível do poder Executivo, Legislativo como na Magistratura.

Em 2020, vai passar testemunho a outro reitor à presidência da AULP. E, nesse mesmo ano, vai ser agraciado com o título "Honoris Causa", pela Universidade da Beira Interior - UBI, em Covilhã, Portugal. O que este título representa para si?

Vamos passar o testemunho no XXX encontro da AULP, que terá lugar em Macau, e esperamos fazê-lo com o sentimento de dever cumprido e de termos contribuído para que a AULP continue a cumprir com a sua missão junto da comunidade lusófona. Por outro lado, sinto-me congratulado com essa distinção.



"Honoris Causa" para reitor da Mandume ya Ndemufayo

A Universidade da Beira Interior, com sede na cidade da Covilhã, Portugal, vai atribuir, em meados de 2020, o título "Honoris Causa" aos reitores das universidades Eduardo Mondlane (Moçambique) e Mandume ya Ndemufayo, anunciou a instituição de ensino superior.

Segundo a Lusa, a UBI refere que, em 2020, o "mais alto grau atribuído pela instituição contemplará Orlando

Quilambo, reitor da Universidade Eduardo Mondlane, e Orlando da Mata, reitor da Universidade Mandume ya Ndemufayo, de Angola.

O trabalho que estas duas personalidades desenvolveram "na formação de quadros nos seus países e no espaço lusófono" é apontado como uma das razões para a atribuição do "Honoris Causa" por esta instituição da Covilhã, distrito de Castelo Branco.

"A decisão foi aprovada por unanimidade na reunião do Senado da UBI do dia 10 de Outubro passado, após proposta do reitor dessa universidade, António Fidalgo." O académico justificou a escolha com a relevância de ambos na promoção em cada um dos seus países e, de modo geral, nos países lusófonos.

O percurso profissional e académico de ambas as personalidades é revelador do

trabalho desenvolvido em organizações científicas das suas áreas de formação, bem como de entidades nacionais e organizações internacionais, com destaque para a ligação ao ensino superior português, acrescenta a UBI.

Segundo a UBI, os dois doutoramentos "Honoris Causa" serão outorgados no segundo semestre de 2020, em cerimónia a decorrer naquela universidade.



■ UM MALIANO SURPREENDENTE

Boubakar Keita, uma escol(h)a que deu certo na universidade angolana

O historiador maliano Boubakar Namory Keita, que chegou a Angola em 1984, foi uma escolha certa. Dedicado, o actual chefe de Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto passou pelos ISCED do Lubango e de Luanda, acabando por formar grande parte dos quadros angolanos nas áreas de História e Antropologia. Várias gerações reconhecem-lhe o mérito.

Gaspar Micoló

Acabado de se doutorar em Ciências Históricas pela Faculdade de História da Universidade de Estado de Leninegrado (Rússia), em 1977, o maliano Boubakar Namory Keita chegaria a Angola em Novembro de 1984, respondendo a um concurso internacional de recrutamento, ao qual se inscrevera por aviso de um contemporâneo amigo, professor de Química e Física, que já se encontrava no país.

O Gabinete de Intercâmbio Internacional do Ministério de Educação, que publicara o aviso, colocara então Boubakar Keita em contacto com a Reitoria da Universidade Agostinho Neto, cuja sede funcionava no Hotel Presidente. O historiador maliano acabaria por ser colocado no Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCED) do Lubango.

"Sem conhecimento do Português e apenas com noções elementares de espanhol, tive que me meter a aprender esta Língua de modo extremamente intenso, ao mesmo tempo que preparava as aulas", lembra Boubakar Keita.

Mas o desafio não estava só na Língua. O docente acabou por cobrir as áreas de História de África, de Arqueologia e de Antropologia. Lecionou História da África do I ao IV anos. E, finalmente, os seus primeiros licenciados começaram a defender, em 1986.

A experiência no ISCED do Lubango terminava em Janeiro de 1993, devido ao reacender da guerra. Com mulher e uma filha de 11 anos - esta quase perdia a vida por foça dos confrontos, que se aproximaram da residência, atrás do cine Arco-Íris,

o docente repensa então a sua escolha. "Passámos dois a três dias fechados dentro de casa", lembra.

Foi então que pediu à direcção do ISCED do Lubango a rescisão do contrato, para voltar ao Mali. Remetido o assunto à reitoria da UAN, o historiador chega a Luanda num voo militar, para tratar do assunto. Para sua surpresa, a instituição envia-o para o recém-criado ISCED de Luanda, onde acaba por leccionar as mesmas cadeiras até ao primeiro Curso de Mestrado, com as especialidades em Ensino de História da África e em Ensino de História de Angola.

"Elaborámos os termos de referência, a estrutura curricular, o plano curricular", recorda o docente, que acabou por orientar quatro mestrados. "Criámos a revista científica 'Kulonga', que animámos. Foi uma experiência

fantástica de todos os pontos de vista".

No ISCED do Lubango, os métodos de ensino e de investigação de Boubakar Keita marcam um estudante em especial, Armindo Jaime Gomes. Logo no primeiro ano, Armindo é motivado pelo docente a pesquisar sobre os Kimbari do Namibe, até então pouco estudado.

"Começava aí o tema da minha licenciatura", reconhece hoje o historiador e escritor Armindo Jaime Gomes. "Os debates na sala, a motivação para a pesquisa e a abertura de espírito tornavam as aulas interessantes", diz, frisando que, hoje, segue os métodos do mestre nas suas aulas.

Boubakar Keita marcou de tal modo a formação de Armindo Jaime, que, quando o mestre foi transferido para Luanda, decidiu, a meio do curso, segui-lo para que

orientasse o seu trabalho de licenciatura. "Só ele compreendia o que eu queria. Não impunha; aliás, disponibilizava-se para intensos debates e isso motivava a pesquisa", diz Armindo, que rejeita mesmo o orientador que substituiria o seu inesquecível mestre. E Boubakar Keita não podia esquecer-se de um estudante assim: "lembro-me muito bem dele", diz. "Foi dos primeiros trabalhos que orientei".

O catálogo de monografias disponível na biblioteca do ISCED de Luanda indica que o trabalho sobre os Kimbari foi defendido em 1986. Boubakar Keita deixa outro pormenor sobre o antigo estudante: "Um rapaz interessante, teimoso. Conseguiu êxitos na investigação", lembra. E pergunta: "Onde estará hoje?"

Investigador incansável

sobre o grupo etnolinguístico Ovimbundu, com três obras sobre o tema, Armindo Jaime Gomes faz a sua vida profissional na região Centro Sul, depois de um mestrado na Universidade de Évora, Portugal - ainda por homologar pelo Instituto Nacional de Avaliação, Acreditação e Reconhecimento de Estudos do Ensino Superior (INAAREES).

"Perdi muito e ainda perco estando distante do mestre", reconhece Armindo. "Tenho-o como a maior referência no ensino da História na Universidade angolana. Muita gente passou por ele".

O filósofo e doutor em Educação Massamba Wa Mpovelo lembra Boubakar Keita como o seu "professor dedicado" de História, na licenciatura que fez em Filosofia, no ISCED do Lubango. Viriam a reencontrar-se em

Um docente de espírito aberto

Pelos primeiros e pelos mais recentes estudantes, Boubakar Keita é descrito como um docente de espírito aberto e disponível para as mais calorosas discussões. O historiador maliano justifica que, na actividade docente, "não é possível dizer basta, sobretudo, quando estamos diariamente em contacto com os estudantes: aprende-se sempre algo novo com eles".

O chefe de Departamento de História da FCS da UAN é categórico: "com eles, o docente pode comprovar se o seu ensino continua actual, atraente. Os estudantes abrem-nos novos caminhos, 'sugerem' novas ideias. Permitem consolidar os nossos métodos de ensino, de trabalho. Por conseguinte, os trabalhos (livros, artigos) em preparação 'sofrem' constantemente retoques. É complexo".

Autor de "História da África Negra", livro publicado em 2009 e referência obrigatória para estudantes universitários em Angola, Boubakar Keita diz e sublinha, "com toda sinceridade", que as suas duas obras essenciais e diversos artigos publicados estão distante de o deixar satisfeito.

"Estão em preparação mais duas, aguardando apenas por uma editora para a devida publicação. Infelizmente, isto ainda é um grande luxo na África negra, particularmente em Angola. Publicar é muito caro", diz o autor de "Cheik Anta Diop. Contribuição Endógena para a Escrita da História Africana".

Luanda, como colegas na universidade. Docente e presidente do Conselho Científico do ISCED de Luanda, Massamba Wa Mpovelo não hesita em reconhecer a dedicação, empenho e sacrifício do historiador maliano na formação dos angolanos.

"Ajudou bastante na formação de quadros no país. É um intelectual que goza de prestígio e respeitamos isso até hoje".

Mestre de gerações de historiadores

Hoje, Boubakar Keita, professor titular de História e Antropologia Africana na Faculdade de Ciências Sociais da UAN, sente-se um homem realizado no plano da docência, da convivência com estudantes e da investigação científica. E isso deve-se, sobretudo, a ter contribuído em quase todas as reformas do Ensino Superior (na Área de História), além de ter trabalhado com muitos dos seus antigos estudantes, quer na graduação, quer na pós-graduação.

"É um grande orgulho sentir que participei na formação de muitos dos actuais dirigentes, que se encontram hoje a desempenhar elevados cargos nos mais diversos ramos", diz, radiante.

A lista é extensa, mas Bou-

bakar lembra, com algum agrado, do general Egídio de Sousa e Santos, actual chefe do Estado-Maior General das FAA, com quem trabalhou no Departamento de Ensino na Faculdade de Letras e Ciências Sociais. Os generais Geraldo Sachipengo Nunda, Nassone João, Geraldo Abreu Muengo "Kamorteiro", entre outros, cruzaram igualmente o caminho do professor, que orienta trabalhos de doutoramento desde 2013.

A extensa lista conta ainda com antigos estudantes feitos colegas mais tarde na academia, como o historiador Américo Cuononoca, deputado e chefe da Bancada Parlamentar

do MPLA; a também deputada Emília Carlota Dias; Paulo Pombolo, actual secretário-geral do MPLA; o politólogo Fernando Paulo Faria; a antropóloga Rosa Melo, actual chefe do Departamento das Autoridades Tradicionais do Ministério da Cultura.

Entretanto, dois jovens excepcionais marcaram, no início dos anos 2000, o curso de Ensino de História no ISCED de Luanda. João Pedro Lourenço - outro seria Júlio Mendes, que acabou, infelizmente, por falecer, em 2015 - mostra-se uma grande promessa da área, para alegria de Boubakar Keita.

O malgrado Júlio Mendes acabou por seguir as pegadas do mestre, dedicando-se à investigação e à publicação, acabando ainda por ser seu assistente. João Pedro Lourenço, hoje docente no ISCED, e director da Biblioteca Nacional, desempenhou um importante papel na investigação que garantiu a elevação de Mbanza Kongo a Património da Humanidade.

"É uma das principais referências da História em Angola e de forma muito particular da História de África. Boubakar Keita é, sem sombras de dúvidas, o tipo de estrangeiro que todo país quer ter e tem sido um dos principais elementos

na formação de jovens nas áreas de Antropologia e História. Por ele passou boa parte dos historiadores existentes em Angola", garante o historiador Bruno Júlio Kambundo, docente de História de África e chefe da Repartição de História do ISCED de Luanda, que cruzou com o docente maliano na licenciatura e no mestrado.

É que o malgrado Júlio Mendes, que se inclina para a docência com o apoio de Boubakar Keita, acaba por ver em Bruno Kambundo igualmente o seu discípulo, numa sucessão de referências. Mas a referência maior mantém-se: "Há o facto de termos sido orientados pelo professor Boubakar Keita e que de alguma forma continua a ser o nosso grande mestre".

Graciete Mayer

João Belisário nasceu no Estado do Rio de Janeiro, em 1951. Vindo de uma família de classe média baixa no Brasil, Belisário fez parte dos grupos de estudantes que no Brasil foram considerados "rebeldes" e que se indignavam com as injustiças que estavam a ocorrer no seu país e no mundo nos anos 60.

Nesta década de 1960, houve grande tomada de consciência política por parte da juventude urbana no Brasil, tanto por causa da opressão da ditadura militar, que havia sido implantada em 1964, como influenciada pela luta contra a guerra do Vietname, a luta contra o racismo, liderada por Martin Luther King, nos Estados Unidos da América, e também influenciado pelos movimentos estudantis na França e pela revolução cubana.

"O mundo estava em ebulição nesta época e desde os meus 16 anos fazia parte daquela juventude que se indignava com as injustiças, com o que estava a acontecer no Brasil e no mundo".

O interesse pela causa de Angola começou bem mais tarde, no princípio da década de 70, quando tomou conhecimento, por intermédio das publicações da esquerda chilena, da luta contra o colonialismo português na sua fase moderna. Mas a evocação de Angola no imaginário das lutas contra as injustiças marcou a sua vida desde meados da década de 60, quando tomou conhecimento, graças ao teatro de ARENA de São Paulo, da história de Zumbi dos Palmares e da luta pela libertação dos escravos africanos no Brasil.

Foi a partir dessa luta estudantil que, enquanto terminava o ensino médio, fez parte de organizações que lutavam na clandestinidade contra a ditadura militar brasileira. Em 1972, enquanto, com 22 anos, estava no Chile, para conhecer a "via pacífica para o socialismo", a sua família foi presa e condenada à revelia, devido às suas actividades contra o regime militar. Não pode regressar ao país; manteve-se exilado, primeiro no Chile, na época de Salvador Allende, depois na Argentina, até chegar à Europa e, finalmente, a Angola.

É na Europa, por intermédio dos seus companheiros que haviam vivido na Argélia, onde toma contactos com os membros da Luta de Libertação de Angola, levada a cabo pelo MPLA. Vai a Portugal, depois do 25 de Abril de 1974, e é a partir dali que começa o amor por Angola.

"A Luta de Libertação de Angola não foi uma luta isolada e contou com apoios internacionais. Nesse apoio estavam também núcleos de brasileiros que lutavam contra a ditadura militar e também tinham contacto com o MPLA. Havia muita solidariedade entre os combatentes, sobretudo ligados



à esquerda, que lutavam por uma causa comum.

Em Portugal, escreveu esporadicamente artigos para jornais e revistas e, por último, antes de vir para Angola, teve a experiência de trabalhar no lançamento do "Página 1", jornal criado para promover a candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho à presidência de Portugal.

Nesta época, solidário com as causas dos movimentos de libertação em África e disposto a viver num país que se libertava do colonialismo, depois de cinco séculos de opressão, decidiu vir para Angola. Perfeitamente identificado com a causa, escreveu uma carta, logo após a Independência Nacional, para o Presidente Agostinho Neto, para Lúcio Lara e Iko Carreira, com o objectivo de viver e trabalhar em Angola.

"Desde 1971, no Brasil, no Chile, na Argentina e em Portugal, eu já tinha começado a trabalhar com o jornalismo. Como havia necessidade de jornalistas no *Jornal de Angola* eu tinha boas referências, fez-se um contacto com Fernando Costa Andrade 'Ndunduma', na altura director, que aceitou contratar-me".

Enquanto esperava a entrada em Angola, estudava jornalismo. Tinha uma bolsa de estudo de uma instituição suíça, que obteve como exilado, para estudar em Portugal.

"Mas, nessa altura, o curso universitário era muito precário, eu queria viver o sonho da construção do socialismo em Angola, sob a direcção de um poeta que encarnava a esperança de todo um povo. Isso correspondia às ideias em que a maioria dos jovens daquela época, com o meu percurso acreditava. Deixei tudo para trabalhar em Angola. Para mim, era mais interessante aprender fazendo em Angola do que estudar em Portugal, quando o ímpeto revolucionário começava a esmorecer".

Em Setembro, depois de vários meses de espera, finalmente, o Escritório de Angola em Lisboa atribuiu-lhe o visto e embarcou para Luanda num DC10, praticamente vazio. Belisário lembra que nesse voo encontrou

apenas dez passageiros. Havia mais pessoas a sair de Luanda para Lisboa, do que de Lisboa para Luanda.

Chegada a Angola

João Belisário chega a Angola em 1976, num momento ainda de grande efervescência, mas muito tenso. O Governo de Agostinho Neto e o MPLA sofriam pressões internas e externas e a situação económica e social não era das melhores.

Não havia quadros, o país estava quase parado, fruto da retirada dos colonialistas, mas havia grande entusiasmo e vontade de construir um país independente e o Poder Popular. A poesia estava no ar.

A propósito, Belisário conta que, além de alguns militares das FAPLA, um dos primeiros contactos com os dirigentes do país foi com o nacionalista e escritor António Jacinto, que já conhecia pelos seus poemas, que muito o impressionou pela sua amabilidade e simplicidade, admiração e respeito que manteve na memória até os dias de hoje.

"Quando cheguei à redac-

ção do *Jornal de Angola*, depois de recebido pelo então director "Ndunduma", fui apresentado na redacção, onde encontrei Júlio Guerra, Moutinho Pereira, João Carneiro, Joaquim Pereira de Almeida, Victor Aleixo (estava a estudar no exterior), o fotógrafo Paulino Damião "50" e David Mestre".

Ndunduma chegou a propor-lhe um estatuto de cooperante, mas Belisário não aceitou, uma vez que não considerava ter nem formação, nem conhecimento que justificasse ganhar mais que um redactor principiante em Angola.

João Belisário lembra que o *Jornal de Angola* tinha uma estrutura muito pequena. Eram apenas duas folhas no formato "standard", com uma carga política ideológica muito forte. Revela que, no início, teve uma relação um tanto quanto difícil com alguns desses jornalistas e também com "Ndunduma", perfeitamente compreensível, num momento que se caracterizava por uma luta política que só compreendia superficialmente.

"Esse período foi muito

stressante. Toda a estrutura que estava próximo do poder (e o jornalismo era uma delas) sofria essa pressão. Mas depois da pequena tribulação, ficamos amigos". O país vivia sob intensa pressão. Angola estava a ser reconhecida pelo mundo fora, mas ainda havia guerra e o "imperialismo" continuava a atacar.

"Mas o factor de maior stress vinha das contradições internas do MPLA, que iria desembocar posteriormente no 27 de Maio", lembra.

No quadro de uma realidade que começava a conhecer às apalpadelas, ao conviver, como jornalista, muito próximo do poder político, que não conhecia bem, Belisário lembra de um episódio na sua curta carreira no *Jornal de Angola*, que lhe valeu uma "bronca" do próprio Lúcio Lara.

"Num comício feito pelo Presidente Agostinho Neto, a partir da sacada do palácio, com a presença do Nito Alves, senti-me receoso em ficar ao lado dos dois e fui colocar o microfone do gravador ao lado de uma coluna de som. Resultado, não gra-

vou bem e tive que ir buscar o discurso à Rádio Nacional de Angola, para fazer a matéria para o *Jornal de Angola*.

Em 1977, Belisário decidiu aceitar o convite verbal de Luandino Vieira e vai para a então Televisão Popular de Angola (TPA), na qual trabalhou na Direcção de Programas com Rodrigues Vaz e, depois, com Luandino. Orlando Rodrigues era o director-geral. Foi um dos redactores que deu início à programação temática sobre educação e os programas de divulgação da Luta pela Independência da Namíbia, do Zimbábue e pela eliminação do Apartheid na África do Sul, durante a fase experimental da Televisão. Ficou na TPA até 1980.

Agostinho Neto

Agostinho Neto era um "farol para os angolanos e para mim também, mesmo sendo estrangeiro". Na sua óptica, Neto era uma pessoa que encarnava a luta contra o colonialismo de forma que surpreendia "até nós, os estrangeiros, que estávamos nesta causa. Eu admirava-o muito. Para mim, ele tinha uma liderança incontestável".

A sua admiração por Neto intensificou-se e estendeu-se a familiares próximos, como é o caso da irmã Ruth Neto. Se Neto tivesse vivido, sublinha, Angola não teria tanto tempo de guerra. "Ele era um líder carismático. Tinha uma sintonia fina com o seu povo e o respeito até daqueles sectores que discordavam dele. Foi um líder incontestável, que condensou em si o espírito da luta pela liberdade de um povo que viveu quinhentos anos de opressão.

Apesar da crise que se vivia, por altura da transição (faltava de tudo um pouco), havia muita solidariedade entre as pessoas para um bem comum, a preocupação era outra.

JORNALISTA BRASILEIRO

João Belisário escolheu Angola como sua pátria

Chegou a Angola em Setembro de 1976, 10 meses depois da proclamação da Independência Nacional, vindo de Portugal, onde esteve exilado por razões políticas. O Brasil estava sob uma ditadura militar. João Belisário faz de Angola a sua terra. Afinal, "Pátria não é o lugar onde se nasce, mas sim lugar onde se luta e se faz homem".



1980-regressa ao Brasil

João Belisário não via a família há sete anos. E como no Brasil houve uma amnistia política, decidiu regressar temporariamente ao país. Mas acabou por ficar mais tempo, mantendo uma correspondência com os amigos em Angola.

No Brasil, foi mostrando às pessoas que lutava pela causa africana, a partir do Instituto Cultural Brasil África, que tinha como presidente o arquitecto Óscar Niemeyer. Trabalhou nas campanhas para a independência da Namíbia, pelo fim do Apartheid na África do Sul e a ajudar Angola na sua fase de afirmação no mundo.

Em 1984, auxiliou João Melo e outros jornalistas a organizar o Gabinete de Correspondência da Angop no Brasil.

"Foi, no fundo, o meu reencontro com Angola, porque tinha interesse em regressar, mas não estava a ver como o fazer. Porque, quando eu cheguei ao Brasil, não consegui adaptar-me, principalmente

nas questões de trabalho. Estava com as questões africanas na minha cabeça. Foram momentos muito difíceis".

Considera, contudo, que havia muita coisa que podia fazer naquilo que chama retaguarda. Além de colaborador da Angop no Rio, passou também a ser correspondente do *Jornal de Angola* naquele país. A partir do Instituto Cultural Brasil África, entrou em contacto com as várias universidades, no sentido de enviarem para Angola professores, de modo a auxiliar a construção da Universidade Agostinho Neto.

"Isso animava-me muito, porque estava na retaguarda, a contribuir para uma causa que achava muito importante para o meu país, Angola", para onde passou a fazer viagens constantes. Em 1995, volta definitivamente para Luanda, para a trabalhar na Agência Movimento.

"Chego num momento em que o país estava em guerra.



Belisário colaborou com órgãos de comunicação social do país

Fiquei muito triste com o cenário que havia encontrado, porque não tinha a dimensão de como o país estava. As idas e voltas não tinham me feito perceber a realidade", disse.

Passados 44 anos depois do 11 de Novembro de 1975, ao olhar para o percurso e o conjunto de eventos que vivenciou, considera ter valido a pena a

independência de Angola.

Actualmente, a residir em Luanda desde 1995, juntamente com sua esposa e três filhos, João Belisário está a tratar da sua nacionalização como cidadão angolano. Porque para ele: "Pátria não é o lugar onde se nasce, mas sim um lugar onde se luta e se faz homem".



PAULO MULAZA

RUBEN GARCIA, 37 ANOS EM ANGOLA

“Aqui sinto-me bem e já não saio”

O técnico argentino Rúben Garcia é, no desporto, particularmente no futebol, o estrangeiro que mais tempo está em Angola. Desembarcou em 1982. Estavam decorridos apenas sete anos depois da proclamação da Independência. Hoje, decorridos 37 anos, numa altura em que se assinalam os 44 anos da emancipação política do país, o técnico, em entrevista ao *Jornal de Angola*, diz, orgulhosamente: “Aqui sinto-me bem, daqui já não saio. Os angolanos adoptaram-me”.

António Félix

“O convite para sair de Portugal, onde constitui família e convivi com parentes, aconteceu numa altura em que, depois da minha carreira futebolística, tinha-me iniciado já como treinador, na equipa do Rio Ave, na Primeira Divisão. Não hesitei e aqui estou até hoje”, conta.

O convite foi feito pelo Dr. Pascoal Luvualo, na altura dirigente máximo da União dos Trabalhadores de Angola, a UNTA. “Ele tinha recomendações do professor Mário Imbeloni, um argentino que treinou o Sporting de Luanda”.

Ruben Garcia revela que foi um momento de grande ansiedade. “Tivemos negociações simples e rápidas, pois a missão era vir orientar o 1º de Maio de Benguela, clube que representava o emblema da UNTA”, afirma.

O argentino, sem evasivas, sublinha que tinha pouco conhecimento da realidade de Angola. No mundo futebolístico conhecia apenas os jogadores que, na época colonial, partiram para a metrópole lusa. Citou Rui Jordão, recentemente falecido, o antigo craque Cavunge, Lito e poucos mais.

O conhecimento político do país tinha-o unicamente dos noticiários da imprensa portuguesa, com todo o dramatismo exacerbado com que era pintada a guerra civil angolana.

“Este quadro que esfrangalhou o país não me inibiu. Não me demoveu do sonho”, sublinha. E explica porque: “Na verdade, não tinha o quadro concreto, mas tomei a decisão porque sabia que podia ajudar um país disposto a desenvolver o seu futebol. Tive uma recepção carinhosa e amável, por parte dos dirigentes da UNTA. Entre eles, destaque o senhor Galvão

Branco. Na altura era, também, um dirigente da organização”.

Ruben Garcia confessa que o optimismo que professa e a atracção por desafios juntaram-se à velha máxima “quem corre por gosto não se cansa”.

“Em 1982, depois de me adaptar ao clima de Luanda, que era diferente do país onde estava habituado, Portugal, o Dr. Galvão Branco levou-me a Benguela. Fui apresentado,

salvo erro, ao senhor Zeca Leonardo. Comecei a orientar a equipa de um clube que não tinha mínimas condições, face às dificuldades da própria conjuntura social, económica e política do país”, revela.

Na verdade, ao longo da carreira de futebolista e treinador na Europa, o profissionalismo estava associado à boa organização. Em Angola, deparou-se, no entanto, com

outra realidade.

“Alguns jogadores trabalhavam. Treínávamos no lusco-fusco, pois, às vezes, eram as luzes dos carros das pessoas que iam assistir aos treinos que iluminavam o campo. Superámos as barreiras com muito empenho. Unimos forças com os dirigentes da grande empresa, que era a África Têxtil, e do Clube 1º de Maio, e, assim, vieram os frutos”.

A primeira alegria, para si inolvidável, foi quando vestiu as faixas de vencedor da primeira Taça de Angola. Lembra que aconteceu em 1982, após derrotar, na final, a então forte equipa do Petro do Huambo.

O feito, como afirma, “mobilizou em torno da minha pessoa uma simpatia que, até hoje, ainda sinto de muitos adeptos e as oportunidades que se seguiram. Já fui chamado a treinar a Académica do Lobito, FC. Clube de Cabinda, Ferroviário da Huíla, Sporting de Cabinda, Desportivo da Cuca e o Recreativo da Caála”.

Ruben Garcia chegou a orientar os Palancas Negras. Foi um momento marcante, como avalia:

“Jamais me esquecerei da confiança que os angolanos depositaram em mim, para, em 1986, orientar aquela Seleção Nacional, que podia representar, pela primeira vez, o país na fase final de um Cam-

A primeira Taça de Angola

peonato do Mundo, concretamente o realizado na Itália”.

Recorda que foi numa altura em que se faziam sentir influências negativas nas arbitragens em África. “Senão, sob o meu comando, estaríamos presentes no Campeonato do Mundo na Itália, com uma equipa forte, onde estavam jogadores de peso, como o Ndungidi, Sarmiento, André, Makuéria, Napolião, Arsénio”, recordou.

À época, conta, “constituímos uma comissão técnica, coordenada pelo Amílcar Silva, e integrava o professor Domingos Inguila. Depois, solicitámos a contribuição do professor Arnaldo Gabonal, na área da preparação física. Empatámos com a Argélia, a dois golos, em Luanda, e, depois, perdemos, em Argel, por 3-2. Houve lá um golo mal anulado. Não fosse isso, seria a maior prenda que

teria dado aos angolanos. Acolheram-me de braços abertos”.

Em 37 anos de vivência e convivência em Angola, Rúben Garcia, além das suas conquistas, guarda na memória momentos altos das realizações dos angolanos, do desporto à política, da economia à sociedade civil.

“Também cantei vitória quando Angola conquistou e festejou, em 2001, o título de campeão africano de Sub-20, que qualificou Angola à fase final do Campeonato do Mundo, realizado no meu país natal, a Argentina”, recorda.

O título de Sub-20 não é o único feito que o galvanizou. Em 1986, não fomos, sob o meu comando, ao Mundial da Itália, mas, em 2016, vibrei, também, pela presença de Angola no Campeonato do Mundo, realizado na Alemanha. Agora

estou radiante com a presença da selecção de Sub-17 no Campeonato do Mundo, no Brasil”, sublinha o técnico.

Chamado a apontar um atleta que mais o marcou, desde que chegou a Angola, Ruben Garcia mostrou-se lacónico: “Não sou de exaltar nomes de jogadores ou treinadores. Sei de muitos treinadores que não conquistam troféus, mas têm uma carreira profissional invejável. Em Angola há muitos”.

Reafirma que já no tempo colonial Angola era um viveiro, de onde saíam grandes jogadores. “Aqui chegado, notei talentos como Ndungidi, Sarmiento, André, Maluka, Fusso, Paulão... Todos tinham qualidade para jogar em qualquer equipa. Falo também do Akwá, Flávio. Não os treinei, mas foram de alta qualidade. Agora, sinto que se importa muitos estrangeiros. Noto isto com muita pena”, disse a respeito de jogadores.



Preferiu sofrer com os angolanos

Ruben Garcia mantém a sua nacionalidade, mas à Argentina, seu país natal, já há muito que não vai. Vive em Luanda, com a esposa, angolana, há quinze anos, só deslocando-se, regularmente, a Portugal, onde tem um filho da primeira relação.

Convites para ir trabalhar e viver noutros países sempre declinou, pelas razões que já a seguir detalha.

“Já fui, muitas vezes, convidado a treinar equipas e selecções fora de Angola. Neguei. Gosto, sinceramente, de estar aqui, onde me sinto bem e daqui não quero sair”, revela.

Inclusive, a família questiona-o por que não parte definitivamente. “Respondo sempre que foi uma opção que fiz. Ninguém me obrigou a permanecer em Angola”, justifica.

Acrescenta que passou tantas dificuldades quanto os angolanos; viveu as guerras, as carências do dia-a-dia. “Isso deu-me uma carapaça para resistir, viver e trabalhar. São dificuldades que se ultrapassam. Por isso, também considero que haverá futuro risonho para este grande país”, acrescentou.

PAULO MULAZA



Um viajante pelo país

Durante o tempo em que está em Angola, Ruben Garcia viajou pelo país, umas vezes em serviço, outras em passeio turístico. A única província que não conhece é o Cuando Cubango.

“Na maioria delas passei em serviço. Fiz amizades com pessoas do desporto, com políticos e outras franjas da sociedade. Hoje, tenho muitos amigos. Convivemos, trabalhamos e nos admiramos mutuamente”, esclarece.

Amante da culinária angolana, no final da conversa com o *Jornal de Angola*, Ruben Garcia deixou claro: “Não dispense um bom funji com acompanhantes a preceito; é uma delícia. Para variar, o calulu dá-me sempre água na boca”, explica.

“Sei que Angola vai assinalar mais um aniversário da sua independência. Tudo aponta que acontecerá de forma efusiva. Conheço essa sina dos angolanos. São pessoas com orgulho da sua terra maravilhosa. Gostam, enfim, da sua nacionalidade e há motivo para isso. Onde eu estiver também festejarei”, rematou.

■ TRÊS PRESIDENTES EM DIFERENTES FASES DE ANGOLA

Protagonistas e momentos desde a independência aos dias de hoje



Cândido Bessa

Da proclamação da Independência Nacional ao alcance da paz definitiva, passando pela abertura democrática, com a realização de eleições regulares, foram inúmeros os desafios e obstáculos enfrentados pelos angolanos. Ao longo de 44 anos, o país teve três Presidentes: Agostinho Neto, José Eduardo dos Santos e, actualmente, João Lourenço. Cada com o seu papel decisivo na vida de Angola e, desta forma, dos angolanos.

Às 0h00 do dia 11 de Novembro de 1975, Agostinho Neto proclamou, perante África e o mundo, a Independência de Angola. Aos 53 anos, o Fundador da Nação angolana assumia que a luta não terminava com a proclamação de Angola, como Estado soberano, mas com a independência completa do país, construção de uma sociedade justa e de um Homem Novo, para transformar o país dilacerado por cinco séculos de colonização.

Terminado o período de domínio colonial, os angolanos herdavam um país pobre, subdesenvolvido, com altas taxas de analfabetismo e sem quadros para relançar o desenvolvimento. Para piorar, a economia estava completamente distorcida e, apesar de independente, o país ainda sofria agressões de tropas zairenses e sul-africanas, além de mercenários de várias origens, que tentavam a todo o custo desestabilizá-lo. O Governo acabou de nascer vê-se ainda a braços com um conflito interno.

Mesmo assim, Agostinho Neto mobiliza o povo para ultrapassar os desafios internos. Sob o lema "o mais importante é resolver os problemas do povo", põe em prática um plano de

Com João Lourenço, começa, em 2017, um novo ciclo na vida dos angolanos. Se, por um lado, herdou um país em paz e unido, por outro, assumiu a responsabilidade de construção de "uma Angola próspera e democrática, com paz e justiça social". Fiel ao lema da campanha eleitoral, "corrigir o que está mal e melhorar o que está bem", o terceiro Presidente na história do país apega-se à máxima de Agostinho Neto, de que "o mais importante é resolver os problemas do povo", e escolhe como bandeira o combate à corrupção, ao nepotismo e a todos os males que enfermam a nação.

reconstrução económica. Vários jovens são enviados para o exterior para formação, ao mesmo tempo que se assiste a uma mobilização para ligar o campo à cidade. O trabalho de Neto, de reconstrução do país, é interrompido em 10 de Setembro de 1979, quase quatro anos depois da proclamação da Independência, com a sua morte, em Moscovo (URSS).

José Eduardo dos Santos

Com apenas quatro anos de independência, a direcção do país é entregue a José Eduardo dos Santos, que na altura contava 37. O engenheiro e então chefe da diplomacia angolana, foi o escolhido para continuar o legado de Agostinho Neto. Além de defender as conquisistas, ao jovem Presidente foi ainda confiada a missão de unir o país e colocá-lo no rumo do desenvolvimento.

Na cerimónia de tomada de posse jurou defender com todas as forças a Independência, a soberania nacional e a integridade da nação. "Não é uma substituição fácil, tampouco me parece uma substituição possível. É apenas uma substituição necessária".

Em 1992, protagoniza uma virada histórica para o país: o fim do sistema mono-partidário e a implantação do multipartidarismo, com a aprovação de uma outra

Constituição. No mesmo ano, decorrem as primeiras eleições gerais. O MPLA, partido que dirige o país desde a Independência, vence as eleições com maioria simples. Já nas presidenciais, Jonas Savimbi, o candidato do segundo maior partido do país, a UNITA, força uma segunda volta. A recusa dos resultados leva a UNITA e o candidato a retirarem-se da capital e fixarem-se no interior. O retorno à guerra é inevitável.

Em busca da estabilidade, é instituído um Governo de Reconciliação Nacional (GURN), com quadros dos dois grandes partidos. Num caso raro, o mesmo partido na guerrilha estava, igualmente, representado no Parlamento. Com a morte em combate do líder da UNITA, em 2002, são criadas as condições para as eleições, que ocorrem em 2008. O MPLA vence com quase 82 por cento dos votos e José Eduardo dos Santos é eleito Presidente da República.

Com a nova estrutura política, é aprovada, dois anos depois, uma nova Constituição da República, que reforça os poderes do Chefe Estado.

Depois das terceiras eleições, ocorridas em 2012, em 2017 confirma-se a normalização dos processos eleitorais no país e são marcadas as quartas eleições da história. Depois de 36 anos no poder,

José Eduardo dos Santos, que antes já anunciara a retirada da vida política activa, não é mais o candidato do MPLA. É reconhecido por ter assegurado a unidade nacional, o alcance da paz e a dignificação dos angolanos no plano interno e internacional.

João Lourenço

Com João Lourenço, começa, em 2017, um novo ciclo na vida dos angolanos. Se, por um lado, herdou um país em paz e unido, por outro, assumiu a responsabilidade de construção de "uma Angola próspera e democrática, com paz e justiça social". Fiel ao lema da campanha eleitoral, "corrigir o que está mal e melhorar o que está bem", o terceiro Presidente na história do país apega-se à máxima de Agostinho Neto, de que "o mais importante é resolver os problemas do povo", e escolhe como bandeira o combate à corrupção, ao nepotismo e a todos os males que enfermam a nação e que fazem perpetuar a pobreza.

Mas João Lourenço sabe que a meta não se chega apenas com palavras. Fala em políticas públicas que respondam o melhor possível aos anseios e às expectativas dos cidadãos e aposta cada vez mais no sector social. Ao Presidente cabe ainda a missão de acelerar a implantação das Autarquias em Angola.

Num contexto de crise financeira, com as reservas do país a atingirem baixos históricos, com a economia dependente de um único produto (petróleo), João Lourenço assumiu a missão de rever e tentar solucionar problemas antes mal resolvidos, mas, também, melhorar o que foi bem feito. Dois anos depois da posse e ainda com três pela frente, há quem elogie o trabalho realizado. Mas há, também, quem diga que o caminho ainda é longo.



BAIXO



GESTÃO DANOSA

Assalto ao erário

Ao longo dos 44 anos de Independência Nacional, vários são, igualmente, os aspectos negativos na vida dos angolanos. O próprio partido que conduz o país desde a Independência reconheceu a postura negativa de integrantes seus. Corrupção, nepotismo, branqueamento de capitais e outros males equivalentes causaram enormes prejuízos à economia, bloqueando ou atrasando o bem-estar, o progresso social e o desenvolvimento harmonioso e sustentável do país. Um relatório do Centro de Estudos da Universidade Católica de Angola afirma que, entre 2002 e 2014, o país perdeu investimentos de cerca de 80 mil milhões de dólares, valor que se estima ter sido desviado. O ministro da Economia e Planeamento considerou o período entre 2007 e 2017 "uma década perdida", com "momentos considerados de bonança do petróleo", mas que não foram capazes de assegurar o nível e eficácia das receitas. Dito de outro modo, o ministro contesta hoje o aproveitamento dado às receitas do petróleo, numa fase em que a principal fonte de recursos do país teve o barril cotado acima dos 100 dólares. Chegou mesmo à barreira dos 130 dólares. Pouco tempo após tomar posse, uma acção da Inspeção Geral da Administração do Estado revelou a "existência de comportamentos graves dos agentes do Estado, em relação à gestão financeira, patrimonial e de recursos humanos, muitos dos quais redundam em crimes graves, como peculato e nepotismo". Vários são os casos de nepotismo, peculato, corrupção em grande escala e, até, indícios de criminalidade organizada. O próprio inspector-geral do Estado falou em prejuízos para o Estado de quase oitocentos mil milhões de kwanzas, 60 milhões de dólares e mais 15 milhões de euros resultantes de despesas injustificadas, pagamentos de obras públicas não realizadas e desvios de fundos públicos no período de 2016 a 2017. O próprio Presidente da República assumiu que a impunidade é responsável pelos altos níveis de corrupção que o país atingiu. "Se não se faz nada, se não se sanciona, não se pune, não se processa, não se condena aqueles que têm sinais muito evidentes de terem sido corrompidos, é evidente que os outros farão o mesmo", lembrou.



ALTO



MULTIPARTIDARISMO

Abertura democrática

Desde a proclamação da Independência Nacional, a 11 de Novembro de 1975, várias foram as conquistas alcançadas em todos os domínios da vida nacional. A Abertura democrática, com a implantação do multipartidarismo, em 1992, o alcance da paz definitiva, em 2002, e a regularidade nas eleições são algumas consequências da liberdade alcançada pelos angolanos. Ao longo do tempo, os angolanos souberam preservar a independência, a soberania nacional, a paz e reconciliarem-se. São aspectos que vale a pena realçar, assim como o papel do MPLA, que dirige o país desde a Independência. Apesar dos obstáculos que os angolanos ainda têm de superar, é ponto assente que estão criadas as premissas fundamentais para o país perseguir o desenvolvimento económico e social e alcançar o bem-estar e prosperidade para os angolanos. Como afirmou, recentemente, o Presidente João Lourenço, Angola tornou-se, em África, a expressão da solidariedade, que nos permitiu vencer o colonialismo, manter a Independência e a Soberania Nacional e construir "a nação solidária que soube interpretar os anseios de liberdade de outros povos e ajudá-los na sua luta vitoriosa pela autodeterminação". Está em curso o plano de diversificação da economia, que dá espaço de negócios e condições para investimento estrangeiro em todos os sectores. É também a fase de relançar a industrialização e passar de país exportador de matérias-primas para exportador de produtos manufacturados e industrializados. As autoridades assumiram, e bem, como grande batalha o desenvolvimento da economia, melhorar a distribuição da renda nacional. Abrir e diversificar a economia, explorarmos ao máximo os enormes e variados recursos naturais de que o país dispõe é o caminho hoje proposto para o desenvolvimento da agricultura, da exploração mineira, da silvicultura, da pecuária, da pesca, do comércio, da indústria, da construção, do turismo e de tudo o que permite combater a pobreza, promover emprego e garantir o consumo interno e a exportação. A aposta implica, enfim, a geração de emprego nas cidades e no campo.